

MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, segunda-feira, 21 de agosto de 2023

2ª edição

Região Central
Vale do Rio Pardo
Vale do Taquari
Vale do Jaguari
Jacuí Centro
Alto Jacuí



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
O futuro nos une.

FIERGS

BRDE
BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL

CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

CIE RS

Diversidade da economia potencializa desenvolvimento das Regiões Central e Vales

Com indústria fumageira forte, área central do Rio Grande do Sul também se destaca pela produção de erva-mate, exportação de soja, bebidas e alimentos fabricados na região

► Vale do Taquari concentra indústrias de doces, com crescimento consistente e vendas para o mercado externo

Carta do editor

A visão local sobre a economia do RS



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O desafio de realizar o Mapa Econômico do Rio Grande do Sul já está em andamento, com a publicação da segunda edição do projeto, desta vez focado nas regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari, Jacuí Centro e Alto Jacuí.

O trabalho mostra a importância da visão local sobre o desenvolvimento do Estado, considerando a riqueza e a diversidade da economia gaúcha. É o que estamos fazendo, ouvindo lideranças regionais em painéis pelo Rio Grande do Sul.

Nos propusemos a esse ambicioso projeto nos 90 anos do Jornal do Comércio porque está em linha com o nosso trabalho do dia a dia. Como diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul, ao publicar matérias sobre novos negócios e empreendimentos, o Jornal do Comércio está, de certa forma, fazendo um raio-X da economia gaúcha a cada edição.

Em uma dimensão maior, ao longo do ano, publicamos

conteúdos especiais sobre setores da economia gaúcha, aprofundando temas e revelando tendências.

O caráter de formulação está em apresentar informações novas ao grande público, permitindo pensar e projetar o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

Isso é possível através de um trabalho de jornalismo de dados, em que juntamos e analisamos informações, em alguns casos publicadas ao longo do tempo isoladamente. A partir dessa “visão da floresta”, de conjunto dos dados, conseguimos trazer novas informações.

Um exemplo é a pesquisa Marcas de Quem Decide, que revela anualmente a preferência e a lembrança de marcas em 75 setores da economia gaúcha, há 25 anos. A evolução desse mapeamento de marcas permite ver as transformações no mercado ao longo do tempo.

Outro exemplo desse trabalho de dados é o nosso Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul. Ele começa no dia a dia, já que, em quase todas as suas edições, o Jornal do Comércio

publica informações de novos empreendimentos em solo gaúcho: uma rede de varejo que abre novas unidades, uma indústria que expande a produção, uma estrada que é ampliada, um parque eólico que é instalado.

Olhando essas notícias de forma pontual, no dia, trata-se apenas de mais um dado, de uma iniciativa de uma empresa, de uma prefeitura, de um governo, de uma cooperativa. Evidentemente, tem seu valor para o setor e para o momento em que acontece.

Agora, quando reunimos todos os dados, todas as notícias de investimentos realizados em um determinado lugar, no nosso caso, em solo gaúcho, temos um panorama completo dos aportes feitos. E aí trazemos um indicador novo, que é a soma dos investimentos no Rio Grande do Sul anunciados ou realizados ao longo de um ano.

Em 2022, por exemplo, na quinta edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, mapeamos 300 aportes anunciados ou realizados no Estado, pela iniciativa privada ou pelo poder público. E identificamos a cifra total de R\$ 62 bilhões de investimentos no Rio Grande do Sul.

Trata-se de um indicador, que pode ser comparado com os anos anteriores, já que o Anuário já teve cinco edições. E também pode ser analisado regionalmente – quanto cada região recebeu de investimentos.

Esse tipo de informação, com indicadores, é estratégica para nortear decisões e saber onde estamos e para onde vamos. De uma certa forma, é o objetivo desse projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul. Trazer novos indicadores, tão importantes para uma visão de futuro. Identificar oportunidades e ver os desafios.

Esse projeto é pensado desde o ano passado e foi implementado no início deste ano, com entrevistas de empresários e economistas, análise de dados, consulta a relatórios de entidades empresariais e de órgãos públicos, tudo isso para fazer um mapa da economia do Rio Grande do Sul.

Além disso, estamos realizando encontros regionais para ouvir as lideranças locais dos mais diferentes setores. Dividimos o Rio Grande do Sul em cinco grandes regiões, reunidas conforme semelhanças e proximidade geográfica:

- 1 Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste;
- 2 Regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí;
- 3 Regiões Norte, Missões e Noroeste;
- 4 Regiões da Serra e dos Campos de Cima da Serra;
- 5 Região Metropolitana, Litoral, Vales do Sinos e Caí.

Nos dois primeiros eventos, em Pelotas, no dia 23 de junho, e em Santa Cruz do Sul, em 3 de agosto, ficou evidente a importante contribuição de lideranças locais sobre a economia

regional, bem como dos caminhos para o desenvolvimento econômico.

Nos próximos meses, serão realizados eventos em Passo Fundo, Caxias do Sul e Porto Alegre. A cada edição, além do painel regional, publicamos conteúdos em um caderno como este que circula hoje no JC, com o detalhamento das cadeias produtivas e da economia dessas regiões.

Esse é o segundo conteúdo especial da série, com um mapa das principais atividades das regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari, Jacuí Centro e Alto Jacuí. É uma área do Estado com grande potencial de desenvolvimento, tanto no agronegócio, com a soja e a erva-mate, quanto na área de infraestrutura – em que está em curso a duplicação de duas importantes rodovias –, além da indústria de alimentos, doces, bebida, tabaco, máquinas e implementos agrícolas.

Evidentemente, a economia dessas regiões é diversa e tem muitas outras potencialidades, como mostraremos ao longo desse especial.

Finalmente, cabe observar que a economia está sempre em transformação, o que permite projetar que esse trabalho do Mapa Econômico em 2023 é o primeiro de uma série, mostrando, ao longo dos anos, as mudanças nas diferentes regiões e, de forma comparativa, trazendo tendências e indicadores.

Boa leitura!

Esse é o segundo especial da série Mapa Econômico do RS, contando sempre com a contribuição de lideranças locais

ÍNDICE

A visão local sobre a economia do RS	página 2	Mapa mostra diversidade da economia	páginas 16 a 17
A divisão do Estado em cinco regiões	página 4	Noz-pecã e outras culturas ganham espaço	página 18
Dados sobre a população das regiões	páginas 6 e 7	Fábricas de alimentos, doces e bebidas	páginas 19 a 21
Dados sobre o PIB das regiões	páginas 8 e 9	Indústria inovadora desponta em Santa Cruz	páginas 22 e 23
Centro do RS é polo exportador para o mundo	página 10	Geoparque impulsiona o turismo	páginas 24 e 25
Produção de tabaco impulsiona PIB	página 11	Melhorias em infraestrutura no Estado	página 26
Recordistas da soja estão na região	página 12	Universidades, pesquisa e inovação	páginas 28 e 29
Agricultura de precisão transforma o campo	página 13	Crédito e incentivos para o desenvolvimento	página 30
Erva-mate tem indústria tradicional e inovadora	página 14	Destaques no painel do Mapa Econômico	página 31

EXPEDIENTE

■ Editor-Chefe:

Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

■ Editor-executivo:

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

■ Editora de Economia:

Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

■ Reportagem:

Eduardo Torres, Bárbara Lima
e Guilherme Kolling

■ Projeto gráfico e diagramação:

Luís Gustavo Van Ondheusden

GOVERNO DO ESTADO INVESTE NO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO CENTRO E VALES.

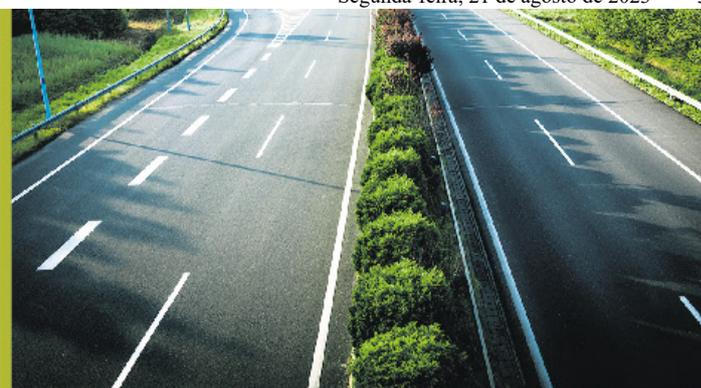
O governo do Estado marca sua presença no Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

Com recursos que chegam a um total de mais de R\$ 1,2 bilhão, diversos municípios recebem investimentos, garantindo à população que suas necessidades sejam atendidas e fazendo a economia girar.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

O futuro nos une.



Reportagem Especial

A divisão do Estado em 5 grandes regiões

Mapa Econômico do RS segue critério da Secretaria de Planejamento do Estado

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

A radiografia regionalizada da economia do Rio Grande do Sul é instrumento permanente para pesquisadores, economistas, governos e potenciais investidores.

Ao completar 90 anos de circulação, o Jornal do Comércio está realizando este mapeamento em cinco especiais com grandes reportagens. O segundo, nesta edição, aborda as regiões Central, Vale do Rio Pardo, Vale do Taquari, Vale do Jaguari, Jacuí Centro e Alto Jacuí.

As características geográficas, culturais e históricas do Rio Grande do Sul não são uniformes. Por isso, pensar a economia do Estado exige identificar os vários territórios entre os 497 municípios gaúchos, com seus 21,7 mil quilômetros quadrados.

Além disso, radiografar a economia do Rio Grande do Sul de maneira regionalizada,

para que se possa compreender cada característica e potencial local, é uma tarefa permanente.

“O Estado tem, entre as suas atividades econômicas, muitas especialidades bastante distintas entre si. Tratar a análise econômica e todo o planejamento de forma regional é a maneira mais adequada de levarmos em consideração, por exemplo, as vocações regionais, que respeitam fatores históricos, climáticos e ambientais, como fluxos populacionais específicos, que condicionam a forma como se deu o desenvolvimento de uma determinada região, e qual a tendência futura”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Rodrigo Feix.

Compreender estas nuances é essencial na

elaboração de políticas de desenvolvimento pelo governo, mas também elemento fundamental para a iniciativa privada em busca de maior eficiência em potenciais investimentos no Rio Grande do Sul.

Em cada região analisada, o mapeamento trará características locais e potencialidades de indústria, agricultura, serviços, varejo e investimentos em infraestrutura. Serão apresentadas as principais iniciativas em cada um destes setores.

Para a divisão de regiões, foi

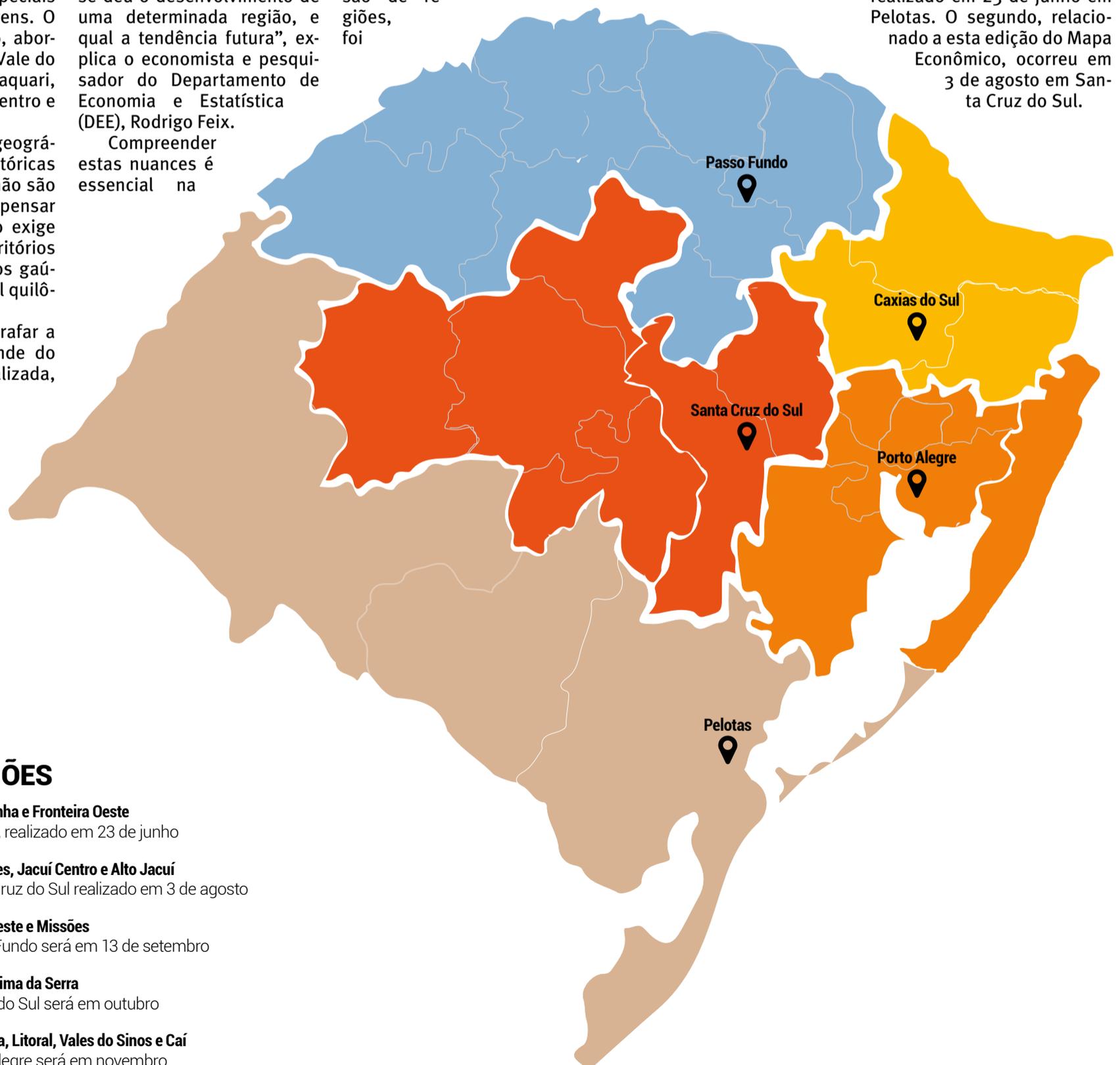
adotado o critério estabelecido pela Secretaria de Planejamento do Estado, que divide o Rio Grande do Sul em nove regiões funcionais. Elas foram agrupadas em cinco regiões, de acordo com afinidades e proximidade geográfica.

Para o economista Rodrigo Feix, esta forma de organização considera a regionalização “de baixo para cima”, e permite uma melhor percepção das diferenças locais, muitas vezes não perceptíveis a um olhar distante, na economia gaúcha.

“Muitas vezes um movimento leva algum tempo a mais para ser percebido por um mapeamento, por isso, quando se trata da análise regional, cruzamos diversos aspectos, com tempo de resposta às ações governamentais ou privadas mais curtos ou longos em nossas análises”, explica.

Cada capítulo deste trabalho será acompanhado de painéis regionais, em que lideranças dos diversos setores são ouvidas para apontar rumos e desafios.

O primeiro encontro foi realizado em 23 de junho em Pelotas. O segundo, relacionado a esta edição do Mapa Econômico, ocorreu em 3 de agosto em Santa Cruz do Sul.



AS CINCO REGIÕES

- **Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Pelotas, realizado em 23 de junho
- **Regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí**
Evento em Santa Cruz do Sul realizado em 3 de agosto
- **Regiões Norte, Noroeste e Missões**
Evento em Passo Fundo será em 13 de setembro
- **Serra e Campos de Cima da Serra**
Evento em Caxias do Sul será em outubro
- **Região Metropolitana, Litoral, Vales do Sinos e Caí**
Evento em Porto Alegre será em novembro

VESTIBULAR ULBRA

Presencial • Híbrido • EAD

**ainda dá tempo
de estudar em 2023**

Vestibular
Transferência
Segunda Graduação
Nota Enem
50 anos ou mais
Crédito Educativo

Inscreva-se agora



População das regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí

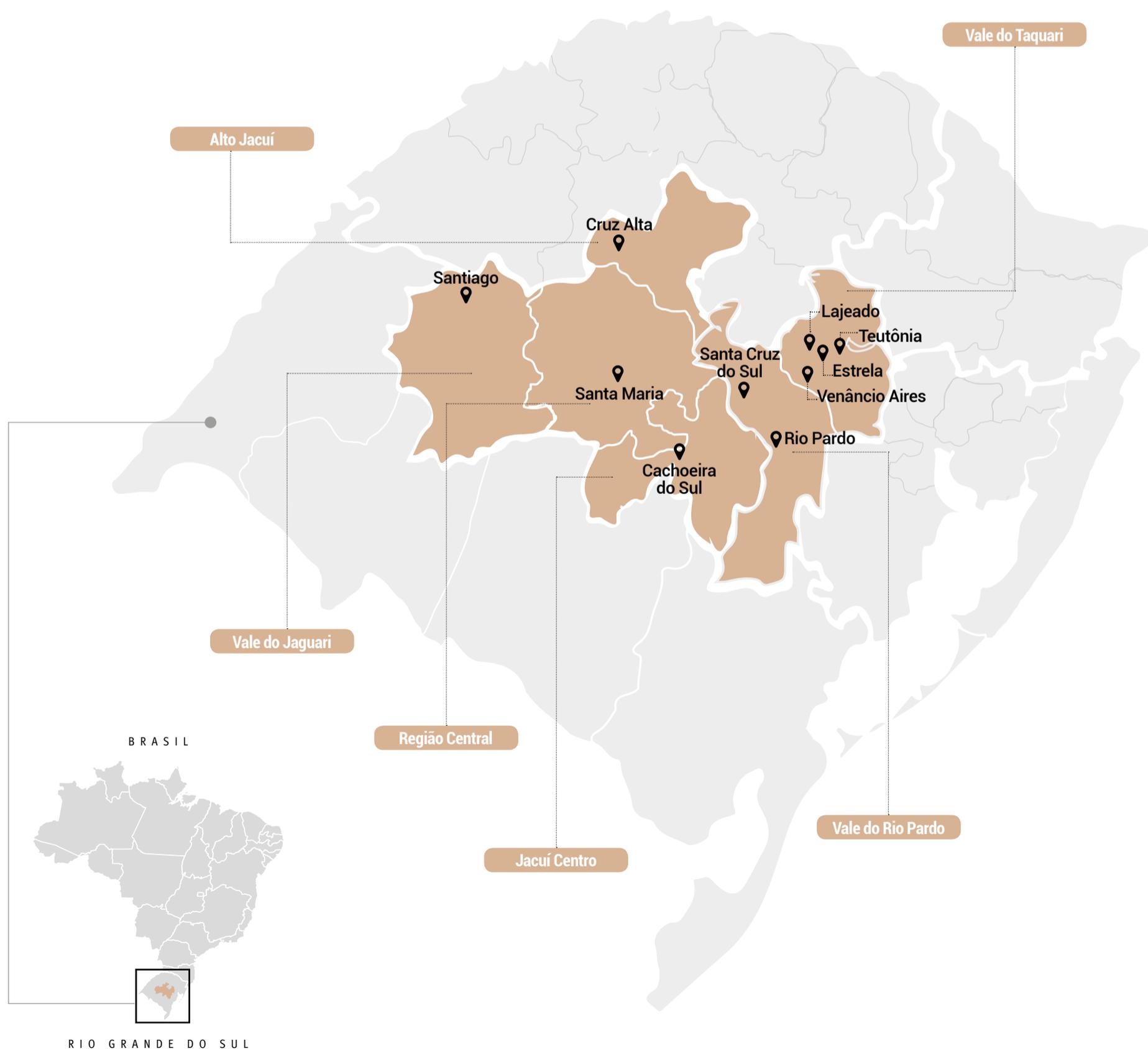
Panorama das regiões em população:

- As regiões Central, Vale do Jaguari, Vale do Rio Pardo, Vale do Taquari, Jacuí Centro e Alto Jacuí reúnem **107 municípios**, somando **1,5 milhão de habitantes** (14,2% da população gaúcha, que é de 10,8 milhões segundo o Censo de 2022).
- As regiões tiveram um **crescimento populacional de quase 30 mil habitantes** em 2022 (dado mais recente do IBGE). Em relação ao Censo anterior, em 2010, a **alta foi de 1,72% na população**.
- As regiões do **Vale do Jaguari, Jacuí Centro e Alto Jacuí tiveram redução de população** em relação a 2010.
- As regiões **Central, Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari registaram crescimento da população** em relação a 2010.

As 10 maiores populações municipais nas 6 regiões

Município	População atual	População em 2010
1 ► Santa Maria	271.633	261.032
2 ► Santa Cruz do Sul	133.230	118.374
3 ► Lajeado	93.646	72.126
4 ► Cachoeira do Sul	80.070	83.827
5 ► Venâncio Aires	68.653	65.953
6 ► Cruz Alta	58.913	62.821
7 ► Santiago	48.938	49.071
8 ► Rio Pardo	34.654	37.591
9 ► Teutônia	32.797	27.272
10 ► Estrela	32.183	30.619

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)



Dados da População

Região Alto Jacuí 152.876 habitantes (em 2010 eram 155.278, queda de 1,54%)		
Município	População atual	População em 2010
Cruz Alta	58.913	62.821
Ibirubá	21.583	19.310
Não-Me-Toque	17.898	15.936
Tapera	10.592	10.448
Salto do Jacuí	10.203	11.880
Santa Bárbara do Sul	8.122	8.843
Selbach	5.107	4.929
Fortaleza dos Valos	4.477	4.575
Quinze de Novembro	3.910	3.653
Colorado	3.258	3.550
Saldanha Marinho	2.575	2.869
Boa Vista do Incra	2.271	2.425
Boa Vista do Cadeado	2.229	2.441
Lagoa dos Três Cantos	1.738	1.598

Jacuí Centro 133.980 habitantes (em 2010 eram 143.402, queda de 6,57%)		
Município	População atual	População em 2010
Cachoeira do Sul	80.070	83.827
São Sepé	21.219	23.798
Restinga Sêca	14.939	15.911
Paraíso do Sul	6.519	7.336
Vila Nova do Sul	3.863	4.221
Cerro Branco	3.802	4.454
Novo Cabrais	3.568	3.855

Vale do Rio Pardo 399.988 habitantes (em 2010 eram 393.559, alta de 1,63%)		
Município	População atual	População em 2010
Santa Cruz do Sul	133.230	118.374
Venâncio Aires	68.653	65.953
Rio Pardo	34.654	37.591
Candelária	28.906	30.171
Vera Cruz	26.710	23.983
Sobradinho	14.226	14.285
Arroio do Tigre	12.058	12.708
Pantano Grande	10.212	9.895
Vale do Sol	9.617	11.077
Sinimbu	8.578	10.068
General Câmara	7.612	8.447
Boqueirão do Leão	6.247	7.673
Passo do Sobrado	6.025	6.011
Segredo	6.009	7.050
Mato Leitão	4.859	3.858
Passa Sete	3.982	5.143
Ibarama	3.732	4.380
Tunas	3.681	4.395
Vale Verde	3.150	3.253
Estrela Velha	3.070	3.628
Herveiras	2.526	2.954
Lagoa Bonita do Sul	2.251	2.662

Região Central 393.402 habitantes (em 2010 eram 391.555, alta de 0,47%)		
Município	População atual	População em 2010
Santa Maria	271.633	261.032
Tupanciretã	20.005	22.281
Júlio de Castilhos	18.226	19.579
Agudo	16.039	16.722
São Pedro do Sul	15.577	16.368
Faxinal do Soturno	6.702	6.672
Formigueiro	6.413	7.014
Nova Palma	5.586	6.342
Itaara	5.572	5.010
Pinhal Grande	3.805	4.471
Jari	3.349	3.573
Dona Francisca	3.079	3.401
São Martinho da Serra	2.822	3.201
Dilermando de Aguiar	2.806	3.063
São João do Polêsine	2.649	2.588
Toropi	2.554	2.938
Quevedos	2.507	2.710
Silveira Martins	2.149	2.434
Ivorá	1.929	2.156

Vale do Jaguarí 111.066 habitantes (em 2010, eram 114.816, queda de 3,26%)		
Município	População atual	População em 2010
Santiago	48.938	49.071
São Francisco de Assis	17.618	19.254
Cacequi	11.157	13.676
Jaguarí	10.579	11.475
São Vicente do Sul	8.097	8.440
Mata	4.698	5.125
Nova Esperança do Sul	4.865	4.671
Capão do Cipó	3.119	3.104
Unistalda	1.995	2.450

Vale do Taquari 361.274 habitantes (em 2010 eram 327.633, alta de 10,26%)		
Município	População atual	População em 2010
Lajeado	93.646	72.126
Teutônia	32.797	27.272
Estrela	32.183	30.619
Taquari	25.198	26.092
Encantado	22.962	20.513
Arroio do Meio	21.963	18.783
Bom Retiro do Sul	12.294	11.472
Cruzeiro do Sul	11.600	11.549
Roca Sales	10.418	10.275
Arvorezinha	10.322	10.194
Paverama	7.978	8.044
Santa Clara do Sul	6.887	5.697
Anta Gorda	5.957	6.066
Progresso	5.340	6.163
Muçum	4.601	4.791
Tabaí	4.461	4.131
Fazenda Vilanova	4.291	3.697
Ilópolis	4.157	4.175
Marques de Souza	3.969	4.068
Putinga	3.747	4.229
Westfalia	3.098	2.793
Dois Lajeados	3.097	3.278
Imigrante	3.080	3.000
Nova Brésia	3.044	3.184
Capitão	2.917	2.636
Colinas	2.423	2.452
Forquetinha	2.393	2.479
Poço das Antas	2.171	2.017
Travesseiro	2.152	2.314
Sério	1.941	2.279
Doutor Ricardo	1.888	2.022
Vespasiano Correa	1.818	1.974
Relvado	1.796	2.037
Pouso Novo	1.739	1.875
Canudos do Vale	1.656	1.809
Coqueiro Baixo	1.290	1.528



JOÃO VILNEI/PREFEITURA DE SANTA MARIA/DIVULGAÇÃO

Regiões concentram 11,2% do PIB do Rio Grande do Sul

Somado, o Produto Interno Bruto (PIB) das regiões Central, Vale do Jaguari, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Jacuí Centro e Alto Jacuí é de R\$ 52.753.034.031, o que representa 11,2% do PIB do Rio Grande do Sul. Os dados são de 2020, mais recentes com recorte municipal. A diversidade econômica característica do Rio Grande do Sul é ainda maior nessa parte do Estado, o que está detalhado neste levantamento. Enquanto a produção industrial, com destaque para o tabaco e os produtos alimentícios, concentra a maior riqueza nos Vales do Rio Pardo e do Taquari, na região Central há alta circulação de valores relacionados aos serviços. No curso do Rio Jacuí estão os maiores rendimentos agrícolas, especialmente a soja.

Dados sobre o PIB

Região Alto Jacuí	R\$ 9.431.980.771 (dados de 2020, representa 2% em relação ao PIB do RS em 2020)
--------------------------	--

Município	PIB
Cruz Alta	R\$ 3.419.676.041
Não-Me-Toque	R\$ 1.371.080.011
Ibirubá	R\$ 1.203.380.418
Salto do Jacuí	R\$ 929.442.423
Santa Bárbara do Sul	R\$ 723.694.256
Tapera	R\$ 431.561.413
Fortaleza dos Valos	R\$ 255.855.884
Selbach	R\$ 217.816.818
Boa Vista do Cadeado	R\$ 216.746.127
Colorado	R\$ 169.918.948
Quinze de Novembro	R\$ 155.655.902
Saldanha Marinho	R\$ 137.621.346
Boa Vista do Incra	R\$ 125.277.284
Lagoa dos Três Cantos	R\$ 74.253.900

Região Jacuí Centro	R\$ 4.061.576.668 (dados de 2020, representa 0,86% em relação ao PIB do RS naquele ano)
----------------------------	---

Município	PIB
Cachoeira do Sul	R\$ 2.368.724.930
São Sepé	R\$ 822.981.390
Restinga Sêca	R\$ 467.562.646
Paraíso do Sul	R\$ 149.973.545
Vila Nova do Sul	R\$ 101.933.767
Novo Cabrais	R\$ 79.734.650
Cerro Branco	R\$ 70.665.740

Região Vale do Jaguari	R\$ 3.595.687.564 (dados de 2020, representa 0,76% em relação ao PIB do RS naquele ano)
-------------------------------	---

Município	PIB
Santiago	R\$ 1.469.766.006
São Vicente do Sul	R\$ 463.775.825
São Francisco de Assis	R\$ 459.274.078
Cacequi	R\$ 365.259.658
Capão do Cipó	R\$ 257.702.007
Jaguari	R\$ 255.078.088
Nova Esperança do Sul	R\$ 123.203.745
Mata	R\$ 113.421.086
Unistalda	R\$ 88.207.071

Região Vale do Taquari	R\$ 16.253.144.286 (dados de 2020, representa 3,45% em relação ao PIB do RS naquele ano)
-------------------------------	--

Município	PIB
Lajeado	R\$ 4.695.484.137
Estrela	R\$ 1.797.386.521
Teutônia	R\$ 1.447.329.654
Arroio do Meio	R\$ 1.327.635.517
Encantado	R\$ 1.020.292.105
Taquari	R\$ 856.243.176
Imigrante	R\$ 744.218.254
Roca Sales	R\$ 470.116.065
Cruzeiro do Sul	R\$ 405.909.724
Bom Retiro do Sul	R\$ 329.431.887
Muçum	R\$ 284.633.961
Arvorezinha	R\$ 280.488.776
Santa Clara do Sul	R\$ 273.413.545
Anta Gorda	R\$ 239.673.087
Paverama	R\$ 202.082.809
Westfália	R\$ 202.002.476
Progresso	R\$ 131.843.199
Ilópolis	R\$ 122.338.278
Dois Lajeados	R\$ 117.937.468
Nova Bréscia	R\$ 114.524.693
Tabaí	R\$ 111.622.383
Poço das Antas	R\$ 106.113.955
Putinga	R\$ 106.026.621
Fazenda Vilanova	R\$ 102.076.363
Marques de Souza	R\$ 98.780.969
Capitão	R\$ 87.529.595
Colinas	R\$ 76.691.629
Vespasiano Correa	R\$ 74.314.844
Travesseiro	R\$ 67.430.059
Relvado	R\$ 60.990.642
Doutor Ricardo	R\$ 56.116.945
Canudos do Vale	R\$ 52.343.101
Pouso Novo	R\$ 50.874.186
Sério	R\$ 48.952.596
Forquetinha	R\$ 46.799.254
Coqueiro Baixo	R\$ 43.495.812

Região Central	R\$ 14.649.254.054 (dados de 2020, representa 3,11% em relação ao PIB do RS naquele ano)
-----------------------	--

Município	PIB
Santa Maria	R\$ 8.740.365.137
Tupanciretã	R\$ 1.186.953.439
Júlio de Castilhos	R\$ 1.141.721.691
Pinhal Grande	R\$ 784.840.625
Agudo	R\$ 541.865.304
São Pedro do Sul	R\$ 401.817.162
Nova Palma	R\$ 284.050.795
Faxinal do Soturno	R\$ 226.717.531
Itaara	R\$ 196.795.954
Formigueiro	R\$ 192.869.539
Quevedos	R\$ 168.264.976
São Martinho da Serra	R\$ 156.831.974
Jari	R\$ 154.903.941
Dilermando de Aguiar	R\$ 131.631.382
São João do Polêsine	R\$ 93.357.973
Dona Francisca	R\$ 83.240.092
Toropi	R\$ 67.436.402
Silveira Martins	R\$ 58.134.987
Ivorá	R\$ 37.455.150

Região Vale do Rio Pardo	R\$ 19.389.190.688 (dados de 2020, representa 4,11% em relação ao PIB do RS naquele ano)
---------------------------------	--

Município	PIB
Santa Cruz do Sul	R\$ 10.494.583.157
Venâncio Aires	R\$ 3.671.050.738
Rio Pardo	R\$ 922.432.738
Candelária	R\$ 837.818.997
Vera Cruz	R\$ 746.479.724
Sobradinho	R\$ 380.495.681
Pantano Grande	R\$ 361.491.067
Arroio do Tigre	R\$ 306.887.791
Vale do Sol	R\$ 220.183.951
Sinimbu	R\$ 188.404.736
General Câmara	R\$ 156.306.292
Passo do Sobrado	R\$ 167.546.856
Mato Leitão	R\$ 147.068.482
Boqueirão do Leão	R\$ 119.656.833
Segredo	R\$ 111.813.608
Estrela Velha	R\$ 107.224.663
Passa Sete	R\$ 98.727.800
Vale Verde	R\$ 83.303.810
Ibarama	R\$ 83.286.488
Tunas	R\$ 71.162.091
Herveiras	R\$ 59.460.659
Lagoa Bonita do Sul	R\$ 53.804.526

DADOS SOBRE O PIB

Embora Santa Maria tenha a maior população entre as seis regiões, é o município de Santa Cruz do Sul, mais industrializado, que lidera o ranking de PIB municipal. Lajeado, Venâncio Aires e Cruz Alta despontam na 3ª, 4ª e 5ª colocações, respectivamente.

Os 10 maiores PIBs municipais nas regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí

Ranking	Município	PIB (R\$)
1	Santa Cruz do Sul	R\$ 10.494.583.157
2	Santa Maria	R\$ 8.740.365.137
3	Lajeado	R\$ 4.695.484.137
4	Venâncio Aires	R\$ 3.671.050.738
5	Cruz Alta	R\$ 3.419.676.041
6	Cachoeira do Sul	R\$ 2.368.724.930
7	Estrela	R\$ 1.797.386.521
8	Santiago	R\$ 1.469.766.006
9	Teutônia	R\$ 1.447.329.654
10	Não-Me-Toque	R\$ 1.371.080.011

Dados sobre o Valor Adicionado Bruto (VAB)

O perfil econômico das regiões é traduzido pelo Valor Adicionado Bruto (VAB), que mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido nos municípios

VAB Industrial

Santa Cruz do Sul lidera o índice de industrialização nas regiões. A maior parte do VAB de R\$ 2,6 bilhões deve-se à indústria fumageira. Conforme o governo municipal, a cadeia do fumo, que inclui a agricultura, responde por 70% da arrecadação local. Mas a produção industrial do município não se limita a esta cadeia produtiva. Merecem destaque, ainda, a atuação do setor de metalurgia – que tem a Metalúrgica MOR, uma das grandes empresas da região –, de borracha, com a Mercur, e de alimentos, com empresas como a Excelsior.

VAB Serviços

Santa Maria, município de referência no Centro do Estado, se destaca pela formação de mão de obra qualificada. Com população de pelo menos 40 mil estudantes, entre oito instituições universitárias, e outros 9,5 mil agentes das Forças Armadas, entre 22 instituições – a segunda maior concentração de unidades militares no Brasil –, Santa Maria tem o maior VAB de Serviços entre as regiões, de R\$ 6,7 bilhões. Apontada como o 3º melhor capital humano do País e o 2º melhor ambiente para empreender do Estado, Santa Maria vive um momento de crescimento de setores como turismo, saúde, educação e inovação.

VAB Agrícola

A classificação do VAB Agrícola nessas regiões está relacionada à rentabilidade do cultivo da soja. Tupanciretã, que lidera o ranking, com R\$ 446,4 milhões, teve a maior área plantada e a maior quantidade de soja colhida em 2021. Logo atrás, com R\$ 379,3 milhões, vem Cachoeira do Sul, onde a área plantada de soja, em 2021, foi quatro vezes superior à de arroz, que permaneceu, por muitos anos, como cultura símbolo do município.

Os 10 municípios líderes

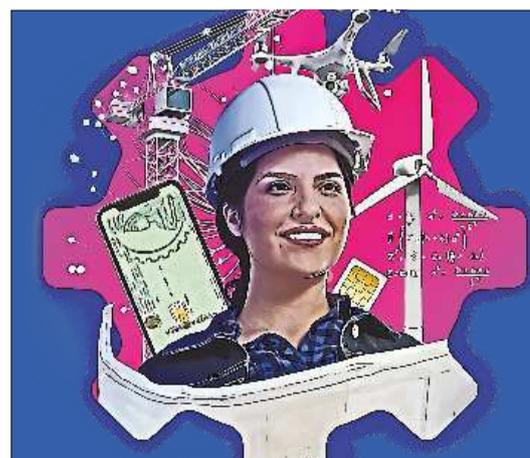
Santa Cruz do Sul	R\$ 2,6 bilhões
Venâncio Aires	R\$ 1,3 bilhão
Lajeado	R\$ 1,1 bilhão
Santa Maria	R\$ 1 bilhão
Salto do Jacuí	R\$ 678,9 milhões
Pinhal Grande	R\$ 640,7 milhões
Estrela	R\$ 589,1 milhões
Arroio do Meio	R\$ 537 milhões
Não-Me-Toque	R\$ 497 milhões
Imigrante	R\$ 491,7 milhões

Os 10 municípios líderes

Santa Maria	R\$ 6,7 bilhões
Santa Cruz do Sul	R\$ 4,7 bilhões
Lajeado	R\$ 2,9 bilhões
Cruz Alta	R\$ 2,3 bilhões
Venâncio Aires	R\$ 1,7 bilhão
Cachoeira do Sul	R\$ 1,6 bilhão
Santiago	R\$ 1,1 bilhão
Estrela	R\$ 913,9 milhões
Teutônia	R\$ 752,9 milhões
Júlio de Castilhos	R\$ 681,2 milhões

Os 10 municípios líderes

Tupanciretã	R\$ 446,4 milhões
Cachoeira do Sul	R\$ 379,3 milhões
Cruz Alta	R\$ 296,7 milhões
Júlio de Castilhos	R\$ 261,7 milhões
Santa Bárbara do Sul	R\$ 233,4 milhões
Rio Pardo	R\$ 231,6 milhões
São Sepé	R\$ 215,8 milhões
Venâncio Aires	R\$ 200,2 milhões
Santa Maria	R\$ 178,9 milhões
Ibirubá	R\$ 163,5 milhões



A gente faz muito, porque faz junto.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul está construindo o futuro, a evolução, o desenvolvimento: da profissão, das pessoas, de um mundo melhor. E tudo isso só é possível porque é construído sempre a muitas mãos.

Acompanhe-nos nas redes sociais:

@crea.gaucho /creagaucho /creagaucho

www.crea-rs.org.br



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

Comércio Exterior



ITI/DIVULGAÇÃO/JC

Uma das modernas plantas industriais instaladas em Santa Cruz do Sul é da JTI; município é o quarto maior exportador gaúcho, com destaque para o tabaco e seus derivados

Centro do Rio Grande do Sul é polo exportador para o mundo

Tabaco e soja são destaques, mas diversidade de produtos industrializados é uma marca da região

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Se a diversidade é uma característica da economia do Rio Grande do Sul, a área central do Estado tem uma riqueza ainda maior neste aspecto. As regiões Central, Alto Jacuí, Jacuí Central e dos Vales do Taquari, Rio Pardo e Jaguari reúnem importantes polos de produção que ganharam espaço e se consolidaram em mercados internacionais. Dessa parte do Estado saem exportações de tabaco, soja, máquinas agrícolas, alimentos e bebidas.

A estatística do comércio exterior do Rio Grande do Sul, entre janeiro e junho deste ano, aponta que quase 30% dos US\$ 10,2 bilhões – cerca de R\$ 50 bilhões – em produtos vendidos para outros países eram tabaco e soja em grão ou em farelo.

Desde o começo de 2022 até junho deste ano, Santa

Cruz do Sul, Venâncio Aires e Cruz Alta, quarto, sétimo e oitavo maiores exportadores do Rio Grande do Sul, respectivamente, somam US\$ 4,2 bilhões em produtos exportados.

O valor movimentado representaria, se fossem os números da economia de um só município, o terceiro maior PIB do Estado, superior, inclusive, a todos os 107 municípios das regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

Quase a totalidade dos carregamentos que deixam estes três municípios, em geral, rumo ao Porto de Rio Grande, é formada por tabaco e soja. Não por acaso, algumas das principais empresas nessa parte do Estado são indústrias desses dois produtos.

Uma das grandes exportadoras é a Continental Tobaccos Alliance (CTA), fundada em Venâncio Aires, onde mantém operação desde 1994. Em torno de 99% da sua produção é destinada ao mercado externo. No ano passado, a empresa, que emprega, no período de safra, entre janeiro e setembro, até

1.900 pessoas, registrou faturamento de R\$ 1,6 bilhão, com R\$ 83 milhões de lucro.

Conforme o Ministério do Trabalho, o Vale do Rio Pardo concentra 42 indústrias relacionadas à fabricação de produtos do fumo, principal atividade econômica da região.

“Embora exista uma tendência de redução no consumo de cigarro mundial notada nos últimos anos, algumas áreas ao redor do mundo crescem em demanda pelo produto, garantindo uma certa estabilidade e previsibilidade na cadeia produtiva. Temos um potencial de crescimento orgânico expressivo junto à nossa cadeia de produção, bem como uma capacidade fabril já instalada para receber as demandas presentes e futuras dos nossos clientes”, explica o CEO da CTA, Eduardo Renner.

De acordo com a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), 90% do fumo produzido no Rio Grande do Sul é exportado. O tabaco responde por 97% das exportações de Venâncio Aires.

Na vizinha Santa Cruz do Sul, que é a quarta cidade com maior volume de vendas

ao exterior do Estado, 95% do produto enviado a outros países é do tabaco, com investimentos que garantem, desde o ano passado, maior volume agregado ao que sai do Vale do Rio Pardo.

Foram aportados, desde 2021, R\$ 123 milhões pela Japan Tobacco International (JTI) para garantir o processamento inicial das folhas do tabaco na sua planta industrial de Santa Cruz do Sul. Até então, depois de colhidas, as folhas cruas eram exportadas para serem processadas e parte delas retornava para a produção de cigarros nacional, que responde por menos de 10% da produção local.

Agora, este processamento é feito na unidade brasileira da empresa, que exporta para as unidades internacionais da JTI a folha já selecionada para as demais produções mundiais.

“O processamento do fumo é uma fase primária da produção, que acaba definindo a qualidade do produto final. É na unidade de processamento que as folhas são separadas e processadas para as composições de cada uma das nossas marcas. Hoje, o que fazemos em Santa Cruz do Sul é essencial para a produção da JTI”, explicou o diretor de assuntos corporativos da JTI, Flávio Goulart, ao falar sobre os investimentos, em 2022.

Um polo exportador

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR



Santa Cruz do Sul
(4º maior exportador do RS,
95% tabaco e derivados)



Venâncio Aires
(7º maior exportador do RS,
97% tabaco e derivados)



Cruz Alta
(8º maior exportador do RS,
79% soja em grão ou em farelo)



Não-Me-Toque
(20º maior exportador do RS, 95%
máquinas e equipamentos agrícolas)



Encantado
(27º maior exportador do RS,
52% erva-mate)



Lajeado
(32º maior exportador do RS, 45%
alimentos, doces e bebidas)

Agronegócio

Industrialização e cultivo de tabaco impulsionam o PIB regional

Plantio mobiliza mais de 30 mil produtores nas regiões dos vales do Rio Pardo e do Jaguari

Desde o campo até as indústrias responsáveis pela maior geração de riquezas a partir da exportação no Vale do Rio Pardo, a produção de tabaco impulsiona o PIB. O Rio Grande do Sul é o maior estado exportador do produto. Para que se tenha uma ideia, 70% da arrecadação de Santa Cruz do Sul – o maior PIB da região – é proveniente da cadeia produtiva do tabaco.

Conforme o Ministério do Trabalho, em 2021, havia 42 indústrias do setor do fumo entre o Vale do Rio Pardo e o Centro do Estado. E, de acordo com os representantes do setor, há demanda, inclusive crescente, em algumas regiões do mundo.

No entanto, o mercado nacional e a opinião pública mundial representam importantes obstáculos. “É uma realidade essa resistência, não há como negar. Não temos orientado o produtor, por exemplo, a aumentar a sua área de plantio. Mas não se cogita parar de plantar o fumo, que é uma

cultura centenária da região, e sempre representou uma produção rentável para o produtor, em pequenas propriedades. A agricultura familiar é o que movimenta este setor”, diz o tesoureiro da Associação de Fumicultores do Brasil (AfuBra), Marcílio Drescher.

Segundo Drescher, o setor tem investido na diversificação nas propriedades, até mesmo como forma de ampliar as

Concentração de indústrias fumageiras

- ▶ 50% da produção de fumo no Rio Grande do Sul está nos vales do Rio Pardo e do Jaguari
- ▶ Faturamento de R\$ 2,3 bilhões com a produção na safra 2021/22
- ▶ 8 empresas em Santa Cruz do Sul
- ▶ 5 empresas em Venâncio Aires

FONTE: AFUBRA E SINDITABACO

Maiores produtores de tabaco nas regiões Central e Vales

1. Venâncio Aires
2. Santa Cruz do Sul
3. Candelária
4. Vale do Sol
5. Agudo

FONTE: SECRETARIA DA AGRICULTURA/ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA 2021



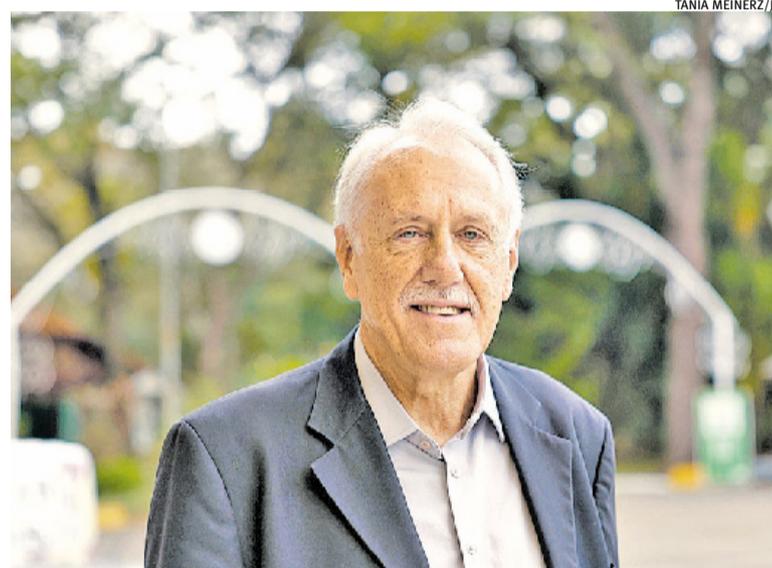
Cultivo do tabaco tem tradição centenária na região e é feito em pequenas propriedades rurais

ações de proteção ambiental no campo. Levantamento da entidade aponta que na safra 2021/22, havia 34,3 mil produtores de fumo entre os vales do Rio Pardo e Jaguari – 50% do total do Estado, que também tem forte produção no Sul.

Estes produtores colheram 126,8 mil toneladas de fumo na última safra, com um faturamento de R\$ 2,3 bilhões – valor que representaria o sexto maior PIB da região.

Os municípios com maior plantio de fumo entre os vales do Rio Pardo e do Jaguari são Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, Candelária, Vale do Sol e Agudo.

“É uma produção há muito tempo comprometida ambiental e socialmente. Desde 1978, incentivamos a produção florestal energética, por exemplo, que garante autossuficiência em lenha para as estufas. Há 23 anos temos ações de logística reversa para embalagens de agrotóxicos, e desde a década



Presidente do Sinditabaco, Iro Schünke cita geração de emprego e renda

de 1990, o setor combate o trabalho infantil, incentiva a diversificação das propriedades e a conscientização sobre saúde e segurança do produtor”, explica o presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), Iro Schünke.

“Entendemos as questões

de saúde que envolvem o nosso produto, mas enquanto houver demanda precisamos preservar o emprego e a renda gerada pela cadeia produtiva”, disse Schünke em recente reunião do setor com o governo federal. São 13 indústrias fumageiras do Vale do Rio Pardo associadas ao sindicato.



VOCÊ:

Parceria que desenvolve o agro com sustentabilidade.

O que faz do BRDE o Banco Verde é a parceria que, a cada ano, desenvolve ainda mais o agro com inovação e sustentabilidade.

Venha conhecer os programas de financiamento do BRDE para o agro e desenvolva seu negócio, cooperativa ou agroindústria.

brde.com.br

MEU
AGRO
É BRDE

BRDE

CRÉDITO
PARA INOVAR
E DESENVOLVER.

EXPOINTER
2023

Agronegócio



Região do Alto Jacuí se destaca pela grande eficiência nas lavouras de soja; Não-Me-Toque, onde está a sede da Cotrijal, é um dos cinco municípios com maior produtividade

Recordistas da soja estão na região

Tupanciretã é o município com maior área plantada e Cruz Alta é referência para a exportação do grão

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Cruz Alta é a referência para o envio ao mercado da soja produzida entre o Alto Jacuí e o Centro do Estado, em uma das regiões mais produtivas da oleaginosa no Rio Grande do Sul. As exportações de soja em grão, em farelo ou industrializada em forma de óleo respondem por 79% das vendas ao exterior a partir daquele município.

De acordo com o diretor executivo da Fecoagro, Sérgio Feltraco, 25% de toda a soja produzida no Rio Grande do Sul concentra-se nesta região que, nos últimos anos, tem alcançado os melhores números de plantio e produtividade do grão no Estado. Algo que, naturalmente, chama a atenção do mercado externo, com alta demanda pela oleaginosa nos últimos anos.

O município líder em área plantada, conforme dados do IBGE de 2021, é Tupanciretã.

Dali, partiram na safra daquele ano mais de 500 mil toneladas de soja para o mercado.

Mas a vocação do centro geográfico do Rio Grande do Sul para ampliar a distribuição do que produz, além das fronteiras do País, não se limita às especialidades do Rio Grande do Sul. Há, neste ponto do mapa, outros três municípios entre os 40 principais exportadores do Estado.

A pequena localidade de Não-Me-Toque, de apenas 17,8 mil habitantes, é o 20º do Estado em exportações, como resultado do seu parque industrial de máquinas agrícolas de precisão. Estes equipamentos respondem por 95% das exportações.

Encantado é o 27º em vendas internacionais, com outra das bandeiras da região, a erva-mate, que representa 52% das suas exportações, e Lajeado, com as bebidas e alimentos doces respondendo por 45% das suas exportações, é o 32º maior do Rio Grande do Sul.

A produção da oleaginosa já tem tradição nessa parte do solo gaúcho. Remonta à década de 1960 a chegada da soja à região do Alto Jacuí e Central do

Estado. Era o primeiro avanço, desde o Noroeste, da cultura que viria a se transformar no grão mais valorizado da agricultura do Rio Grande do Sul. E chegou transformando o cenário local.

“Meu pai era pecuarista, e era essa a tradição em Tupanciretã desde o começo do século. Mas, primeiro o trigo, em meados dos anos 1960, e logo depois a soja, entraram no município e aí virou o melhor negócio do Brasil. Meu pai, comigo e os meus irmãos, migrou para essa cultura, e aos poucos todos aqui na região fizeram o mesmo. Era uma oportunidade, com mais mercado e muito mais rentabilidade que a pecuária tradicional”, conta o produtor rural Juarez Bay do Nascimento.

Conforme os dados do IBGE, Tupanciretã foi o município de maior área plantada e maior quantidade de soja colhida no Rio Grande do Sul em 2021. Também estão nesta região Cachoeira do Sul, Júlio de Castilhos, Cruz Alta e Santa Bárbara do Sul, todos entre os 10 municípios do Estado no ranking de área plantada de soja dois anos atrás.

O cultivo, que teve início de maneira convencional, à medida em que começou a representar ganhos para os produtores, avançou na área, com plantio mecanizado e evolução genética.

“Facilitou muito o trabalho e, com isso, representou a entrada neste meio de muitos produtores em busca de terras. A realidade é que Tupanciretã tem um perfil de médios e grandes produtores”, aponta Nascimento.

Hoje, 50% da área plantada no município é arrendada.

“É uma região que tem um diferencial importante, porque desenvolveu ferramentas que incorporaram tecnologia e infraestrutura para o cultivo, a armazenagem e o processamento do produto. Nas duas últimas décadas, é a região com os melhores níveis de produtividade do Estado, e quando há secas, por exemplo, a resposta nesta área, justamente pelo desenvolvimento que conquistou, geralmente é melhor e mais rápida”, aponta o diretor executivo da Fecoagro, Sérgio Feltraco.

Os maiores produtores de soja por município

FONTES: IBGE 2021

Área plantada:

1. Tupanciretã	149,1 mil hectares	●●●●●●●●●●
2. Cachoeira do Sul	105,8 mil hectares	●●●●●●●●●●
3. Júlio de Castilhos	100 mil hectares	●●●●●●●●●●
4. Cruz Alta	91,5 mil hectares	●●●●●●●●●●
5. Santa Bárbara do Sul	76 mil hectares	●●●●●●●●●●

Eficiência no plantio

FONTES: IBGE 2021

1. Colorado	4,5 toneladas por hectare	●●●●●●●●●●
2. Ibirubá	4,251 toneladas por hectare	●●●●●●●●●●
3. Sta. Bárbara do Sul	4,242 toneladas por hectare	●●●●●●●●●●
4. Saldanha Marinho	4,207 toneladas por hectare	●●●●●●●●●●
5. Não-Me-Toque	4,202 toneladas por hectare	●●●●●●●●●●

Implementos agrícolas

A terra onde as máquinas transformam o campo

A cadeia produtiva mobilizada no Alto Jacuí, a partir do boom da soja, foi muito além da relação direta com o grão. A vitrine da transformação se vê a cada ano, com a Expo-direto, em Não-Me-Toque. A feira movimentou, em 2023, R\$ 7 bilhões. E o município de 17,8 mil habitantes recebeu o título de capital nacional da agricultura de precisão.

Roster, Jan, Grazmec e a Stahar e Stara – que têm origem na mesma família, vinda da Holanda no pós-guerra – formam este parque industrial fornecedor de máquinas agrícolas com alta tecnologia embarcada.

“Iniciamos em 2000 um projeto inovador, o Aquarius, com o objetivo de transformar a produção de máquinas e nos dar um diferencial no mercado. Era a cultura do manejo de precisão, com máquinas que levam em conta desde amostras de solo, leitura de cada ponto da

propriedade para que o plantio seja adequado e com a menor perda possível. Partimos em busca dessa tecnologia, hoje, a tecnologia é desenvolvida em Não-Me-Toque e enviada para o mundo”, diz o diretor-presidente da Stara, Átila Stapelbroek Trennepohl.

A empresa exporta em torno de 10% da sua produção para mais de 35 países. Os pulverizadores lideram as vendas ao mercado externo de Não-Me-Toque, que neste ano ocupa o 20º lugar no ranking estadual de municípios exportadores, tendo comercializado US\$ 60,5 milhões – pouco mais de R\$ 285 milhões – entre janeiro e junho deste ano.

A família Stapelbroek, com tradição em ferraria e agricultura, chegou ao município do Alto Jacuí na década de 1950. E se deparou com uma comunidade que vivia da agricultura manual. Estava criada uma



Agricultura de precisão impulsionou produção; Stara é uma das fabricantes de máquinas agrícolas

oportunidade de desenvolvimento, que começou com uma pequena ferraria e logo avançou para a criação de pequenas e úteis máquinas que ajudavam o homem no campo.

Em 1968, Johannes Bernardus Stapelbroek e os filhos Johannes, Franciscus e Harrie lançaram a primeira capinadeira dirigida e com braços flutuantes do Brasil.

Era um diferencial que só evoluiria nas décadas seguintes. Hoje, a planta industrial fica a cerca de 300 metros do parque da Expodireto, organizada

pela Cotrijal, no município. É lá que, segundo Átila Trennepohl, acontecem os grandes lançamentos da Stara ao agro brasileiro e mundial, com eficiência comprovada em números.

De acordo com o presidente da Cotrijal, Nei Manica, a agricultura de precisão desenvolvida no Alto Jacuí garante em torno de 10 sacas a mais do que a média em cada hectare de soja plantada. Para que se tenha uma ideia, mesmo sem as maiores áreas cultivadas, Colorado, Ibirubá, Santa Bárbara do Sul, Saldanha Marinho

Empresas de agricultura de precisão

- Stara
- Jan
- Roster
- Grazmec
- Stahar

e Não-Me-Toque estão entre os 10 municípios com maior eficiência no plantio da soja. Todos acima de 4,2 toneladas por hectare plantado.

Cooperativismo

Um terreno fértil para as cooperativas gaúchas focadas no agronegócio

Uma cultura que se traz pela força do cooperativismo. Em Tupanciretã, Juarez do Nascimento é hoje o presidente da Agropan. Criada na década de 1970, conta com 21 unidades de recebimento e comercialização de grãos entre 12 municípios vizinhos.

Quatro cooperativas que figuram entre as grandes do Estado e que têm a soja como carro-chefe do seu negócio estão neste cinturão produtivo no centro do Rio Grande do Sul. A Cotrijal, com sede em Não-Me-Toque, é a principal delas, tendo registrado, em 2021, receita de R\$ 4,2 bilhões, e no ano passado, R\$ 5,83 bilhões.

“É uma história que começa em 1957, com uma cooperativa de trigo. Depois,

com o avanço da soja, que hoje responde por 85% do nosso plantio na cooperativa, nos tornamos regionais e hoje, estaduais. Temos boa parte dos nossos associados, inclusive, no Sul do Estado”, comenta o presidente da Cotrijal, Nei Manica.

Segundo ele, é justamente o modo cooperativo de organização dos produtores que mantém o homem no campo. Neste ano, a Cotrijal chega a 53 municípios com associados, e segue um plano de investimentos de R\$ 170 milhões entre melhorias energéticas, com uma usina fotovoltaica e estruturas de armazenagem de grãos. O valor de aportes previstos até o final de 2023, porém, é menos da metade do que foi investido

no ano passado. Resultado dos dois anos de forte estiagem no Estado. E aí, como aponta Manica, está a importância das cooperativas nesta região.

“Se não tivéssemos as cooperativas, o Rio Grande do Sul, e não só a região, estaria um caos. Com as quebras de safras, são as cooperativas que dão a sustentabilidade para o campo. A prudência, sempre com garantia de recursos para socorrer o produtor e seguir profissionalizando o serviço, é fundamental neste momento e tem se mostrado o segredo para a vida longa do setor rural no Rio Grande do Sul”, diz o dirigente.

Completam a lista das principais cooperativas da região, conforme ranking da

Revista Amanhã, a Cotribá, com sede em Ibirubá, a Campal, de Nova Palma, e a Cotrisel, de São Sepé.

Mas não são só as cooperativas que prosperam com a rentabilidade da soja a partir do Alto Jacuí. Tem sede no município de Santa Bárbara do Sul, com apenas 8,1 mil habitantes, mas com 76 mil hectares de área plantada e mais de 322 mil toneladas de soja colhida em 2021 e VAB Agrícola de R\$ 233,4 milhões, a 3ª tentos. A empresa é listada pela Revista Amanhã como a 16ª mais importante do Estado, a principal da região, com receita de R\$ 5,3 bilhões em 2021.

Nem mesmo a estiagem nas últimas safras reduziu o ritmo de investimentos da empresa, que aporta

R\$ 100 milhões em expansão no Rio Grande do Sul neste ano. A principal ação fica em Cruz Alta, onde a unidade de processamento de soja para transformação em óleo e farelo, entra em seu primeiro ano de operação plena, além da previsão de ampliação em até 50 mil toneladas de armazenagem de grãos da empresa no Estado.

Principais cooperativas da região

- CCGL (Cruz Alta)
- Cotrijal (Não-Me-Toque)
- Cotribá (Ibirubá)
- Campal (Nova Palma)
- Cotrisel (São Sepé)

Indústria

Erva-mate tem indústria tradicional e inovadora

Ilópolis, Anta Gorda, Arvorezinha, Putinga e Venâncio Aires se destacam na produção da cultura símbolo do RS

Foi em 1942 que, em pleno centro de Venâncio Aires, um grupo de empresários inovou na industrialização, o que resultaria na melhoria da qualidade da erva-mate produzida no Rio Grande do Sul. Surgia, naquele momento, a Madrugada, a mais antiga marca de erva-mate gaúcha, e que hoje, com 80 funcionários, processa até 500 toneladas de matéria-prima por mês, resultando em 75 diferentes produtos.

O empreendedorismo abriu caminho para uma cadeia produtiva que, desde o começo deste ano, ganhou maior visibilidade, com o reconhecimento da erva como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul.

O selo reforça ainda mais o papel que este produto tem nos vales do Rio Pardo e do Taquari. De acordo com o Instituto Brasileiro da Erva-Mate (Ibramate), a região responde por 66% da produção da erva no Estado e, o mais importante, concentra, conforme o Sindicato da Indústria do Mate do Rio Grande do Sul (Sindimate), pelo menos 17 indústrias ervateiras entre as 28 associadas à entidade.

“O reconhecimento da erva como patrimônio valoriza ainda mais e firma a nossa tradição de produção e consumo no Rio Grande do Sul. A realidade é que o nosso produto tem ainda muito potencial. O Brasil já passa dos 50% de toda a produção mundial de erva-mate, mas somos somente o quinto país no consumo. Estamos falando de um produto que é base para o chimarrão, mas também para chás, tererê, cosméticos e gastronomia. São mais de 200 benefícios à saúde humana já comprovados”, valoriza o presidente do Ibramate, Alberto Tomeleiro.

O Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de erva-mate, com 32 mil hectares cultivados nesta safra, e a expectativa de gerar até 300 mil toneladas

do produto. Uma cultura, como reforça Tomeleiro, diretamente ligada à pequena propriedade. De acordo com o governo estadual, são 15 mil famílias envolvidas no cultivo.

“Não é o tipo de produção que se enquadre em sistemas de larga escala. Por isso, projetamos que nos próximos anos possa acontecer redução no número de produtores, mas com aumento da produtividade. Temos desenvolvido com a Emater as plantas e as formas de cultivo para aumentar essa eficiência, mas é preciso ter maior visibilidade para o produto e a cadeia produtiva. Porque hoje, temos até erva sobrando. Se não conquistarmos novos mercados no Brasil, como no Nordeste, por exemplo, ou no exterior, este pequeno produtor pode abandonar a cultura da erva-mate”, alerta Tomeleiro.

E quando o assunto é a conquista de novos mercados, a Baldo é a empresa que coloca Encantado no mapa das exportações gaúchas. O município é o 27º maior exportador do Rio Grande do Sul entre janeiro e junho de 2023, e teve US\$ 26,4 milhões – R\$ 125 milhões



Colheita da erva-mate em Ilópolis, segundo maior produtor entre os municípios do Rio Grande do Sul

– comercializados em erva-mate com o exterior em seis meses.

Desde a década de 1990 a empresa formou uma sociedade com os uruguaios da Canarias, iniciando oficialmente as suas operações internacionais. Antes disso, porém, a Baldo já aperfeiçoava a técnica na sua produção, com o chamado repouso da folha, ao gosto dos consumidores uruguaios e argentinos – maiores mercados consumidores da erva-mate no mundo.

O início da produção, ainda artesanal, da Baldo aconteceu em 1920, em Vespasiano Corrêa. Foi a partir da década de 1950, quando Arlindo Baldo herdou a produção do pai, que a empresa avançou como indústria e expandiu-se na região. Primeiro, mudou sua planta para Muçum e finalmente, Encantado. A partir da década de 1970, a Baldo também passou a atuar com o processamento de soja. Hoje, a empresa tem operações no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

É na matriz, em Encantado, que 200 funcionários, todos da região, executam a moagem, mistura e empacotamento da erva-mate.

Até 70% da erva-mate exportada pelo Brasil tem origem na produção gaúcha. Para garantir o abastecimento do mercado interno do Estado, parte da erva vem principalmente do Paraná, que tem volume de produção maior do que os gaúchos.

É claro que o Uruguai e a Argentina são os maiores parceiros comerciais desta produção. Mas se engana quem pensa que o potencial deste setor limita-se à América do Sul. Para que se tenha uma ideia, a gigante Coca-Cola compra o mate do Rio Grande do Sul para produzir

uma espécie de chá que supera, no Japão, o consumo do tradicional refrigerante. Países como a Síria – que tem o quarto maior consumo per capita da erva-mate – e a região árabe também são grandes consumidores que, anteriormente, recebiam o produto argentino mas, nestes últimos anos, há uma lacuna possível para o produto gaúcho avançar.

“Nosso produto chega a até 40 países, mas eu acredito que ainda precisamos vender melhor a imagem e o potencial da erva-mate. Os mercados cosméticos e de gastronomia, por exemplo, representam maior valor

agregado para o produtor. O brasileiro mais ao norte desconhece os benefícios da erva. É isso que precisamos divulgar para o mundo”, aponta o presidente da Ibamate.

Em abril deste ano, o governo estadual repassou R\$ 850 mil do Fundo de Desenvolvimento e Inovação da Cadeia Produtiva da Erva-Mate (Fundomate), mas, de acordo com Alberto Tomeleiro, o setor discute a criação de um fundo próprio, com o repasse de parte das vendas, destinado a um sistema mais eficaz de divulgação da erva-mate no País e no exterior.

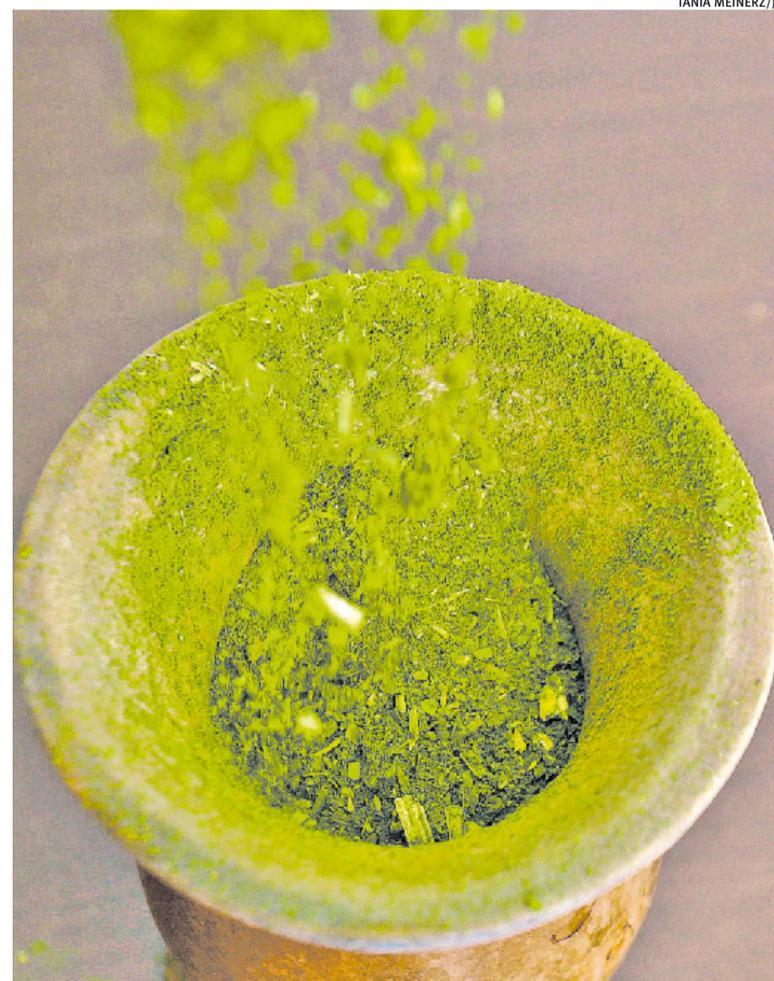
Maiores produtores de erva-mate por município

- 1 ■ Arvorezinha
- 2 ■ Ilópolis
- 3 ■ Anta Gorda
- 4 ■ Putinga
- 5 ■ Venâncio Aires

Indústrias ervateiras na região (associadas ao Sindimate)

FONTES: IBGE 2021 E SINDIMATE

Arvorezinha	Ilópolis
8	4
Venâncio Aires	Encantado
2	1
Putinga	Restinga Sêca
1	1



Erva-mate é um patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul

ITAMAR AGUIAR/PALÁCIO PIRATINI/JC

TÂNIA MEINERZ/JC

**MAPA ECONÔMICO
DO RS**

Jornal do Comércio 90 ANOS
O jornal de economia e negócios do RS

EVENTO 3: REGIÕES NORTE, NOROESTE E MISSÕES

O projeto **Mapa Econômico do RS**, que marca os 90 anos do JC, tem como objetivo mapear economicamente todo o Estado, em 5 regiões, mostrando as principais atividades, peculiaridades, desafios e avanços de cada território. No dia **13 de setembro**, o terceiro evento da série acontecerá no Parque Científico e Tecnológico da Universidade de Passo Fundo (UPF).

No encontro, que contará com a presença de lideranças empresariais e políticas da região, será apresentado o painel "**Desafios e oportunidades econômicas para as Regiões Norte, Noroeste e Missões**"

Data: **13 de setembro de 2023**
Local: **UPFPARQUE - Parque Científico e Tecnológico UPF**
Horário: **17h às 20h**



Escaneie o QR Code
e confirme sua presença



PANORAMA

Mapa mostra diversidade da economia e potencial das regiões Central do RS, Vales e Jacuí

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Conheça 14 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul

2. INDÚSTRIA DE ALIMENTOS, DOCES E BEBIDAS



Com uma tradição especialmente doceira centenária, entre os vales do Taquari e Rio Pardo, a região criou um Arranjo Produtivo Local de Bebidas e Alimentos, com o objetivo de viabilizar oportunidades de investimentos no setor. Empresas da região como Docile, Florestal Alimentos, Fruki e Neugebauer estão entre as líderes no varejo regional e nacional nos setores de balas, chocolates e refrigerantes. Conforme levantamento da Fiergs, as indústrias de alimentos e bebidas geraram arrecadação de ICMS superior a R\$ 1 bilhão em 2022 entre os Vales e o Centro do Rio Grande do Sul.

4. POTENCIAL DA SOJA



Da região do Alto Jacuí, chegando à região Central, o cultivo da soja em larga escala consolidou-se a partir do final da década de 1960, e resultou no estabelecimento de algumas das principais cooperativas do Rio Grande do Sul. Os cinco municípios com maiores áreas plantadas de soja na região estão dentro do Top 10 do Estado. Conforme dados consolidados do IBGE de 2021, somados, Tupanciretã, Cachoeira do Sul, Júlio de Castilhos, Cruz Alta e Santa Bárbara do Sul plantaram mais de 500 mil hectares do grão naquela safra.

5. FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS



A vocação da região para o plantio da soja atraiu empreendedores que transformaram, especialmente no Alto Jacuí, o trabalho no campo, que era manual, em uma atividade moderna. Não-Me-Toque é reconhecida como a capital da agricultura de precisão, graças ao parque industrial com pelo menos cinco grandes empresas produtoras de maquinário com tecnologia desenvolvida para aumentar a eficiência no campo. O resultado é visto na safra da região. Colorado, Ibirubá, Santa Bárbara do Sul, Saldanha Marinho e Não-Me-Toque, todos no Alto Jacuí, são os cinco primeiros municípios na classificação de eficiência na produção de safra no Rio Grande do Sul, acima de 4,2 toneladas por hectare.

3. A PRODUÇÃO FUMAGEIRA



De acordo com a Afubra, 50% da produção de tabaco no Rio Grande do Sul está concentrada entre os vales do Rio Pardo e do Jaguari. Produção que resultou em 126,8 mil toneladas das folhas de tabaco na última safra, com um faturamento de R\$ 2,3 bilhões somente nesta região. O processamento do tabaco também concentra-se na região. De acordo com o Sinditabaco, são pelo menos 13 indústrias instaladas entre Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul.

6. TRADIÇÃO DA ERVA-MATE



Conforme o Ibramate, os vales do Rio Pardo e do Taquari respondem por 66% da produção de erva-mate do Rio Grande do Sul. Somente entre Arvorezinha e Ilópolis, os dois municípios com maior área plantada, está 44% da produção gaúcha. A importância da erva, recentemente reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Estado, é tamanha que pelo menos 15 mil famílias estão envolvidas neste cultivo. A erva-mate brasileira é responsável por mais de 50% da oferta mundial do produto. Estão na região, também, conforme o número de associadas ao Sindimate, pelo menos 17 indústrias ervateiras.

7. PRODUÇÃO DE FRANGO, LEITE E SUÍNOS



Em uma região com vocação para a produção industrial de alimentos, o setor primário de proteína animal forma boa parte da base econômica local, e também enfrenta o desafio do mercado em crise. Está em Nova Bréscia, por exemplo, o maior volume de cabeças de frango do Estado. Em Cruz Alta, está centralizada a CCGL que, a partir do leite produzido na região, tem produtos como leite em pó entre os líderes do varejo regional. A região ainda tem produção de suínos, como na cooperativa Dália, em Encantado.

1. UM POLO EXPORTADOR



Conforme o Ministério do Comércio Exterior, 30% das exportações gaúchas entre janeiro e junho foram de produtos do tabaco e da soja. Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires concentram as exportações de mais de 90% da produção fumageira gaúcha. Também entre os 10 maiores exportadores do Estado está Cruz Alta, ponto estratégico na logística da produção de soja do Alto Jacuí e Centro. Mas a região ainda tem outros três municípios entre os 40 maiores exportadores gaúchos: Não-Me-Toque, com máquinas e implementos agrícolas, Lajeado, com doces, e Encantado, com erva-mate.

Alto Jacuí

Santiago

Vale do Jaguari

Região Central

8. NOVIDADE DA NOZ-PECÃ

Está na faixa central do mapa do Estado o terreno mais fértil para o cultivo da noz-pecã. Cachoeira do Sul, por exemplo, passou a ter um perfil dos mais diversificados na produção rural gaúcha, e hoje, lidera os números deste plantio. O avanço das nozes em novos mercados, principalmente a China, desponta como uma oportunidade para mais investimentos no campo.

9. PORTOS, AEROPORTOS E FERROVIAS

A região tem dois aeroportos regionais – Santa Maria e Santa Cruz do Sul – com investimentos recentes dos governos municipais para ampliar rotas. A Malha Sul, do sistema ferroviário gaúcho, opera com metade dos trilhos que havia há pouco mais de 20 anos. Em Cruz Alta, Santa Maria e Lajeado estão alguns dos ramais em operação, no entanto, com baixíssima eficiência. Os rios Jacuí e Taquari poderiam ser vias para escoar a produção local, e há projetos para os portos em Estrela e Cachoeira, mas hoje não são opções para empresários locais. O Porto de Estrela tem importância histórica no Vale do Taquari, mas precisa de investimentos para que o transporte com contêineres seja viabilizado.

10. INVESTIMENTOS EM RODOVIAS

A faixa central do Rio Grande do Sul é favorecida pela multiplicidade de ramais logísticos, em contrapartida, também sofre pela ineficiência e falta de investimentos nestas alternativas. Essa realidade pode mudar com dois dos principais investimentos em duplicações de rodovias no Rio Grande do Sul, capitaneados pela CCR na BR-386, e pelo Grupo Sacyr na RSC-287. Mas há também desafios como a estrutura da BR-392, que é um importante eixo para escoar a produção.

11. A ENERGIA QUE VEM DAS ÁGUAS

Está na região um dos principais potenciais energéticos por hidrelétricas do Rio Grande do Sul. São 14 usinas que concentram 17% do potencial hidrelétrico do Estado. A maior potência é o Rio Jacuí. Entre três usinas (Itaúba, Jacuí e Dona Francisca), há 875,17 MW de potência. A usina de Itaúba, em Pinhal Grande, é a terceira maior do Rio Grande do Sul. A região concentra também novos projetos hidrelétricos, que representam novos investimentos em infraestrutura.

12. TURISMO PARA TODAS AS VERTENTES

O potencial turístico da região ganhou impulso recentemente com a certificação pela Unesco do Geoparque da Quarta Colônia, que reúne nove municípios da Região Central com valor geológico, histórico e natural com alto potencial turístico. Há grande oportunidade para investimentos em infraestrutura. Santa Maria, com crescente rede hoteleira, é uma referência neste novo roteiro. Assim como Santa Cruz do Sul e Lajeado, em relação aos roteiros culturais de turismo nos vales do Rio Pardo e do Taquari. E a região oferece ainda a opção do turismo religioso, com o Cristo Protetor, em Encantado.

13. UNIVERSIDADES E PESQUISA

As regiões Central e dos Vales reúnem importantes universidades, oferta de cursos superiores para a formação de mão de obra e pesquisa. Destaque para Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mas a região também concentra outras importantes instituições de ensino superior, como Universidade do Vale do Taquari (Univates), Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Universidade de Cruz Alta (Unicruz), Universidade Franciscana (UFN) e Universidade Luterana do Brasil (Ulbra).

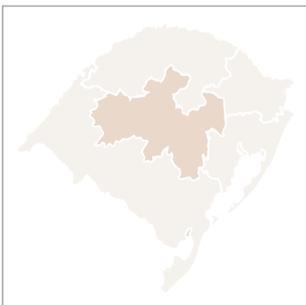
14. INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Parques tecnológicos estão em eixos estratégicos e são protagonistas no desenvolvimento de produtos e na transformação da indústria. Em Santa Maria, existem três polos, com 80 incubadoras e outras 38 empresas instaladas. Em Lajeado, o TecnoVates é participante fundamental na concretização do Arranjo Produtivo Local de Alimentos e Bebidas e, em Santa Cruz do Sul, o TecnoUnisc tem sido pioneiro no desenvolvimento de novos produtos da indústria. Destaque ainda para o Polo de Modernização Tecnológica do Vale do Jaguari, da URI, em Santiago, e para a Agência Start, vinculada à Universidade de Cruz Alta.



Jacuí Centro

Vale do Rio Pardo



Agronegócio

ASCOM SEAPI/DIVULGAÇÃO/JC



Rio Grande do Sul é responsável por 70% da produção nacional de noz-pecã, e o município da região Jacuí Centro lidera com a maior área cultivada; na imagem, a colheita no RS

Noz-pecã e outras culturas avançam em Cachoeira do Sul

Município, que foi capital do arroz, vê crescimento de soja, eucalipto e olivais

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A crescente valorização de terras provocada pelo mercado da soja provocou também a mudança para a família do produtor rural Juarez Bay do Nascimento. Hoje, aos 65 anos, depois de vender as terras que herdou do pai em Tupanciretã, viajou quase 200 quilômetros, Jacuí abaixo, para plantar pouco mais de 1 mil hectares de soja em Cachoeira do Sul. Lá, encontrou um cenário diferente e mais diverso no meio rural do que o existente no seu município de origem.

Cachoeira do Sul, que tem a antiga alcunha de capital do arroz, plantou, em 2021,

conforme o IBGE, 105,8 mil hectares de soja – a segunda maior área do Estado –, tendo colhido 341,9 mil toneladas. Por outro lado, no mesmo ano, o município plantou 25,4 mil hectares de arroz – 24% da área de soja –, tendo colhido 186,9 mil toneladas do grão. Foi o 11º no Estado.

O município hoje também está entre as principais áreas de florestas plantadas – quinto no Estado –, com 20,2 mil hectares, a maior parte de eucalipto. Há também destaque para os olivais – quarto maior do Rio Grande do Sul – e é o líder estadual no plantio de noz-pecã.

Esta é a região onde a noz-pecã mais se desenvolve. O Rio Grande do Sul responde por 70% da produção nacional, com 1,3 mil produtores gaúchos. Além de Cachoeira do Sul, Anta Gorda, Santa Maria,

Taquari e Rio Pardo completam a lista de municípios desta área do Estado em destaque nesta produção.

Mas, se o potencial agrícola de Cachoeira do Sul é uma oportunidade, o desafio está em destravar caminhos que possam tornar o município, de fato, uma capital da produção.

“Precisamos de uma política séria de irrigação. Água não nos falta nesta região, e também não falta desenvolvimento técnico, mas é preciso permitir a retenção de água, até mesmo como um serviço ambiental, na propriedade rural. Isso aumentará a competitividade dos nossos produtores”, avalia o presidente do Sindicato Rural de Cachoeira do Sul, Gilberto Scopel.

O segundo ponto destacado por Scopel como um desafio ao município é o gargalo logístico. Há dois anos, a chamada

Ponte do Fandango apresentou problemas de sustentação, e até hoje, segue sem receber veículos de carga elevada.

A consequência, aponta o produtor, é o abandono desta rota pelas cargas de produção do norte no Jacuí e, por consequência, o enfraquecimento ou encerramento de silos e empresas que poderiam agregar valor à produção local, com o beneficiamento.

Não à toa, está em Cachoeira do Sul um dos distritos industriais em áreas estaduais com somente um lote, do total de 89, ocupado. A estrutura do distrito foi projetada para conectar a produção com o Rio Jacuí.

“Até mesmo quem produz em uma região de Cachoeira acaba enviando a produção para outros lugares pela ausência de uma logística confiável e eficiente. Somos um município beneficiado pelo Rio Jacuí e, no entanto, o sistema de eclusas, que permitiria escoar a produção por hidrovia, parou no tempo, nos anos 1970”, comenta.

Para Scopel, oportunidade

Novas culturas em Cachoeira do Sul

FONTES: SECRETARIA ESTADUAL DA AGRICULTURA E AGEFLOR

Noz-pecã no RS:

- Cachoeira do Sul
- Anta Gorda
- Santa Maria
- Taquari
- Rio Pardo

Florestas plantadas no RS:

- Encruzilhada do Sul
- São Francisco de Paula
- Piratini
- Cambará do Sul
- Cachoeira do Sul

Olivais no RS:

- Pinheiro Machado
- Canguçu
- Encruzilhada do Sul
- Cachoeira do Sul
- Dom Feliciano

há. “Existe estudo e empresas interessadas em operar barcas neste trecho do Jacuí. Faltam investimentos nas eclusas, na dragagem e nos portos do Jacuí.”

Indústria

Produção de alimentos está no DNA da economia local

Arranjo Produtivo Local já tem a adesão de dezenas de empresas da região

A produção de alimentos e bebidas está no DNA da economia local. A proximidade geográfica com os principais mercados consumidores do Rio Grande do Sul, como a Região Metropolitana e a Serra, foi a motivação, entre o final do século XIX e o começo do século XX, para que as primeiras iniciativas empreendedoras surgissem e prosperassem.

Dados da Secretaria da Fazenda apontam que a indústria de alimentos e bebidas entre as regiões do Vale do Taquari e Central resultaram em R\$ 1,05 bilhão em ICMS arrecadado

em 2022. Conforme dados do Ministério do Trabalho, o setor empregava, em 2021, mais de 36 mil pessoas na região.

O resultado é visto nos levantamentos do varejo. São quatro empresas – Docile, Fruki, Neugebauer, CCGL – listadas entre as preferidas pelos consumidores do Brasil, conforme o índice Nielsen Super Varejo.

Somente no Vale do Taquari, o setor conta com 1,4 mil empresas, desde as micro e pequenas até gigantes de setores como frigoríficos, lácteos, sorvetes, chocolates, balas, candies e refrigerantes. Este grupo organizou-se em um Arranjo Produtivo Local, reconhecido em junho do ano passado, e tem feito a

diferença.

“Desde 2020, quando começamos a reunir empresas, com o apoio do Sebrae, já somamos mais de 40 empresas participantes e 20 voluntários de todos os setores. O APL proporcionou uma maior integração da cadeia produtiva, com trocas de experiências e busca de oportunidades conjuntas. Estamos trabalhando na construção de uma visão de futuro para o Vale do Taquari, com o objetivo de identificarmos as principais competências da região e gerar identidade para elas”, aponta a presidente do APL e da Fruki Bebidas, de Lajeado, Aline Eggers.

Entre os avanços do APL, Aline destaca as participações em feiras, parcerias com

institutos de inovação e apresentação de oportunidades por meio do Fundopem e da Finep.

Entre 2020 e 2021, somente duas empresas da região haviam sido beneficiadas pelo Fundopem. Desde o começo de 2022, já foram seis. Entre elas, a Fruki, que tem sede em Lajeado e investe R\$ 174 milhões para abrir a sua segunda fábrica, em Paverama, com previsão de ser inaugurada em novembro deste ano.

“Além da localização estratégica do Vale do Taquari, próxima da BR-386, temos outras situações positivas, que fazem a diferença na produção industrial, como a qualidade da água, a cultura industrial da região e seu histórico de qualificação profissional. Além disso, Paverama está próxima de Lajeado, onde está a nossa sede administrativa e permite o uso da mesma estrutura de laboratórios e manutenção”, detalha a dirigente.

Os líderes do mercado

FONTE: NIELSEN REVISTA SUPER VAREJO

- Fruki: 1º lugar na Região Sul e 5º no Brasil em água mineral; 4º lugar na Região Sul em **refrigerante**
- Docile: 4º lugar nas regiões Sul, Nordeste, Centro-Oeste e parte do Sudeste e 4º lugar no Brasil em **bala**
- Neugebauer: 4º lugar na Região Sul e 5º no Brasil em **chocolate**
- CCGL: 4º lugar na Região Sul em creme de leite; 2º lugar na Região Sul e 4º lugar no Brasil em **leite em pó**

De acordo com Aline Eggers, a nova planta industrial da Fruki terá capacidade produtiva de 200 milhões de litros ao ano, um incremento de 48% em relação à produção atual. As novas instalações no Vale do Taquari terão 21 mil metros quadrados de área construída.



IMPULSIONANDO

A ECONOMIA DO ESTADO

A TRAVÉS DE

CONEXÕES ASSERTIVAS

ENTRE JOVENS

TALENTOS

E EMPRESAS

Conheça o nosso programa de estágio e Aprendizagem e ajude a formar os líderes do amanhã.



Ciee-Rs



Ciee-Rs



@ciee_rs



@cieers



<https://portal.ciee.org.br/>
<https://cieers.org.br/conjuntos>

conjuntos



Indústria

Vale Taquari reúne fábricas de doces

Grandes empresas ampliam produção e consolidam vendas para o mercado externo

Eduardo Torres

economia@jornaldocomercio.com.br

Quando o assunto é balas e doces, Lajeado também está nos paladares dos consumidores brasileiros e estrangeiros. Levantamento Nielsen Super Varejo aponta que a Docile ocupa o quarto lugar na preferência das balas nas regiões Sul, Nordeste, parte do Sudeste e Centro-Oeste do País. É também a quarta na preferência nacional. A empresa, que destina 35% da sua produção ao mercado externo, é, desde o ano passado, a maior exportadora de doces do Brasil, tendo os Estados Unidos e Canadá como seus principais mercados lá fora.

“Hoje os nossos produtos chegam a 80 países. E é resultado da valorização que sempre mantivemos às nossas raízes aqui no Vale do Taquari, um local historicamente muito próspero e que tem uma tradição na produção de doces, construída, em boa parte, pelo pioneirismo da nossa família. Mas, para levarmos o que temos de valor aqui ao mundo, nosso trabalho tem sido sempre o de inovar e incentivar a inovação aqui na região, seja em parceria com a universidade ou internamente, com a qualificação dos nossos colaboradores”, explica um dos sócios-proprietários da empresa, Alexandre Heineck.

A Docile emprega 1,5 mil pessoas em Lajeado e tem a meta arrojada de chegar, em 2025, a R\$ 1 bilhão em faturamento. Para isso, investe neste ano R\$ 70 milhões em seu parque fabril. O objetivo é ampliar, em 2024, em 30% a atual produção de R\$ 4 milhões de quilos de doces por mês. A ideia, salienta Heineck, é consolidar a liderança nas exportações e aumentar a fatia da Docile no mercado interno.

A cidade também é o berço de outra gigante desse ramo. A Florestal Alimentos é a maior

produtora de pirulitos planos da América Latina, e está em plena expansão da sua área de atuação. Depois de adquirir a Planalto e a Caracol, da Serra, em 2022 a empresa investiu R\$ 53 milhões para fabricar chocolates em sua unidade no Vale do Taquari.

Na área de chocolates, as vantagens logísticas e a cultura da mão de obra do Vale do Taquari foram decisivas para que a Neugebauer se instalasse em Arroio do Meio na década passada. Foi nesta fábrica que uma das marcas mais tradicionais do País se reinventou. Hoje, conforme o levantamento da Nielsen Super Varejo, a Neugebauer é a quarta na preferência do consumidor na Região Sul e a quinta em todo o Brasil.

“O Vale do Taquari foi, naturalmente, uma boa opção para nós. Além da cultura local no setor de doces, é uma região que apresenta grandes oportunidades de investimentos pela sua estrutura de energia, logística e de atuação muito presente da universidade relacionada à indústria de alimentos. Isso representa qualidade no produto e na mão de obra”, explica o diretor administrativo financeiro e de operações da empresa, Rogério Martins.

Segundo ele, é justamente esse protagonismo das indústrias de alimentos e bebidas que acaba criando outro desafio ao setor. “Em todo o Vale há a empregabilidade quase plena da mão de obra qualificada. Principalmente no setor de manutenção de máquinas, temos investido cada vez mais na qualificação interna para podermos suprir essa necessidade”, diz.

Até o próximo ano, a Neugebauer investirá R\$ 100 milhões para aumentar a sua capacidade de produção e, já em 2023, deve ultrapassar R\$ 1 bilhão em faturamento. Com capacidade atual de 40 mil toneladas de chocolates por ano, a meta é ampliar a produção em até 50%.

E se há know-how na região para a produção de doces, há oportunidade para diversificar-se dentro do setor.



PATRICIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC

Boa parte da produção de doces fabricada na região do Vale do Taquari é destinada à exportação

É o que tem experimentado a Divine, da empresa Turatti e Turatti, de Encantado. A cada ano a empresa aumenta em até 40% as suas vendas e já exporta o produto para quase 10 países.

Os produtos da Divine não têm gordura hidrogenada e o chocolate é produzido somente com manteiga e licor de cacau, com o teor de concentração do cacau muito superior ao exigido pelo mercado. Também

são produzidas as linhas zero açúcar e zero lactose. Todos os produtos que têm acima de 50% de cacau não levam leite, por exemplo. São mais de 200 trabalhadores da região envolvidos na produção.

O 'vale do doce' no Taquari



EMPRESAS

1. LAJEADO

Florestal Alimentos
Docile
Fruki
Sorvebom
Gemelli
Dom Lion Chocolates

2. ARROIO DO MEIO

Neugebauer
Mu-Mu
Requinte Chocolateria

3. CRUZEIRO DO SUL

Haenssger

4. ENCANTADO

Divine
Sabory
Sorvetes Kigostoso

5. TEUTÔNIA

Languiru
Nova Delícia Sorvetes
Sorvetes Maranata

6. PAVERAMA

Fruki

7. MATO LEITÃO

Urso Branco Sorvetes

MUNICÍPIOS

LAJEADO: produção de balas, refrigerantes, chocolates e sorvetes

ARROIO DO MEIO: produção de chocolates, doce de leite

ENCANTADO: produção de chocolates e sorvetes

PAVERAMA: produção de refrigerantes

SANTA CRUZ DO SUL: produção de refrigerantes

CRUZEIRO DO SUL: produção de chocolates

TEUTÔNIA: produção de doce de leite

Agronegócio

O desafio da proteína animal

Vale do Taquari e Alto Jacuí concentram importantes bacias leiteiras do Estado

A tradição na produção de alimentos tem um alicerce importante no campo. O Vale do Taquari e o Alto Jacuí concentram importantes bacias leiteiras do Rio Grande do Sul. Não à toa, a CGL, que industrializa em Cruz Alta o leite produzido por diversas cooperativas da região, se destaca entre os líderes da Região Sul em creme de leite e leite em pó.

Há um cenário, porém, de desafio a quem produz e industrializa proteína animal no Estado. Um exemplo é a cooperativa Languiru, de Teutônia. Com atuação também nos setores de aves, suínos, frigoríficos e supermercados, em 2023, a crise obrigou a uma reorganização da

cooperativa. Em julho, associados aprovaram sua liquidação extrajudicial. A dívida chega a R\$ 1,1 bilhão. “Este caso, infelizmente, não é exceção. É a ponta de um iceberg”, alerta o vice-presidente regional da Região do Vale do Taquari da Federasul, Renato Scheffler.

Ele tem coordenado a elaboração de propostas para tirar o setor de proteína animal da crise. Soluções que, segundo Scheffler, passam pela abertura de crédito específico ao setor e a criação de um fundo garantidor. “Temos esperado pela apresentação de soluções também pelo Estado, como um pacote fiscal específico para melhorar o nosso nível de competitividade com Santa Catarina e Paraná.”

O Rio Grande do Sul é o terceiro maior produtor de leite do Brasil – está entre os Vales e Centro a segunda maior bacia

leiteira gaúcha. No entanto, o Rio Grande do Sul também foi o terceiro estado que mais importou derivados do leite do Uruguai e Argentina entre 2022 e 2023, com um aumento de 230% no volume de importação. De acordo com Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), o Estado consome só 40% dos produtos do leite que produz.

“Normalmente sobra leite produzido internamente, e agora recebemos mais volume de fora. Já somos exportadores de leite para outros estados, ao mesmo tempo que importamos de outros países. Isso é incoerente”, avalia o presidente da Gadolando, Marcos Tang.

A proporção do consumo, que representa preocupação para a cadeia produtiva do leite local, também se reflete na avicultura. A estimativa é de que

57% do frango consumido no Estado venha de outros lugares do Brasil. Está em Nova Bréscia, no Vale do Taquari, a maior produção de aves gaúcha. São quase 40 milhões de cabeças alojadas por ano. Em 2021, o Rio Grande do Sul abateu 819 milhões de aves. O Estado é o terceiro maior produtor e exportador do País.

Com uma população de 3 mil habitantes, Nova Bréscia concentra 126 produtores de frango. O setor primário responde por 85% da economia do município. Entre produtores de frango na região estão Estrela, Westfália, Encantado e Teutônia.

Entre as regiões, no entanto, há, de acordo com a Abrafrigo, somente quatro frigoríficos de aves cadastrados, dois em Lajeado, um em Arroio do Meio e um em Westfália.

Essa parte do Estado tem ainda a produção de suínos. Mesmo enfrentando dois anos de obstáculos para a transformação de grãos em proteína animal, a cooperativa Dália, de

Maiores produtores de frango por município

FONTE: SECRETARIA ESTADUAL DA AGRICULTURA / MINISTÉRIO DA AGRICULTURA 2021

- Nova Bréscia
- Estrela
- Westfália
- Encantado
- Teutônia

Maiores produtores de leite por município

FONTE: SECRETARIA ESTADUAL DA AGRICULTURA / MINISTÉRIO DA AGRICULTURA 2021

- Ibirubá
- Agudo
- Estrela

Encantado, fechou 2022 com receita bruta de R\$ 2 bilhões. No ano passado, exportou 9,5 mil toneladas de cortes suínos para 16 países. A cooperativa, que surgiu da união de 387 suinocultores, atua hoje em 120 municípios gaúchos.



JTI

NÓS TAMBÉM.

Crescer juntos é fundamental!

A JTI assume o compromisso de manter práticas sustentáveis e fundamentais para o desenvolvimento da nossa operação no Brasil.

Em Santa Cruz do Sul, polo do setor de tabaco no Brasil, impulsionamos o crescimento por meio de parcerias sólidas e investimentos estratégicos.

Juntos, construímos um futuro próspero para a nossa cidade e para o setor!

JTI Brasil | www.jti.com/brasil

Eu acredito em um futuro próspero.

Indústria

Fábricas
inovadoras
despontam em
Santa Cruz do Sul

Empresas apostam em tecnologia e espaços voltados à inovação para criar novos produtos

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A fábrica que fica no centro da cidade deu lugar, em um dos seus pavilhões, com 600 metros quadrados, para o que chamam de Laboratório de Inovação Social. Um espaço usado pela empresa, dedicado a desenvolver novidades nos seus produtos, mas principalmente pela comunidade de Santa Cruz do Sul, com biblioteca, sala de encontros e espaço para que esta comunidade também faça sugestões sobre o que sairá daquela planta industrial.

Trata-se da concretização do que Jorge Hoelzel, facilitador da direção da Mercur, uma das mais tradicionais indústrias da cidade, pensa para o futuro da sua empresa e do potencial industrial da região.

“Tivemos a consciência de perceber que estamos no centro da cidade e que não seria aceitável uma produção que não respeitasse essa realidade. Nossa fábrica hoje não tem cheiro, não tem fumaça. Foi um processo de transformação que iniciamos em 2006. Era uma época de crescimento no mercado, mas sentíamos que não estávamos em sintonia com a responsabilidade que a produção industrial exige para o futuro”, explica Hoelzel.

Todos os seus 700 funcionários são moradores da região. É uma questão de respeito às raízes, como salienta Hoelzel. Assim como boa parte das indústrias da região, a Mercur tem uma tradição quase centenária. Foi criada em 1924, quando dois irmãos perceberam a oportunidade de trabalharem consertando pneus. O negócio prosperou e, na década de 1930, eles importaram da Alemanha uma

fábrica para criar peças prensadas, principalmente para a vedação. Foi na segunda geração da família, na década de 1950, que surgiram as primeiras linhas de produção em borracha.

Na virada do século XXI, porém, a responsabilidade havia aumentado. E a mudança na empresa que, somente em 2022, gerou mais de R\$ 30 milhões em arrecadação de ICMS ao município de Santa Cruz do Sul e teve faturamento de R\$ 140 milhões – com a meta de chegar a R\$ 165 milhões neste ano –, veio com pesquisa e inovação nos seus produtos.

Ao invés de optar pelo produto mais barato no mercado, a borracha sintética, a Mercur optou por investir na cadeia produtiva da borracha natural. A compra se dá a partir de comunidades amazônicas ou de florestas plantadas no Sudeste. Hoje, menos de 5% da produção exige a borracha sintética, obtida a partir do processamento do petróleo, portanto, mais poluente.

Desde 2015, a Mercur é considerada uma fábrica com carbono neutro e 50% da energia usada na produção em Santa Cruz do Sul vem de uma usina fotovoltaica.

O resultado desta nova visão se vê nos produtos. Sai de Santa Cruz do Sul, por exemplo, uma inédita bolsa térmica natural, com o isolamento térmico feito a partir da fibra das sementes de açaí juçara, produzida no Norte do Rio Grande do Sul, e que normalmente era jogada fora. O tecido para a bolsa é feito de algodão, também natural, produzido por comunidades do Ceará.

“A inovação, na nossa concepção, precisa vir acompanhada da responsabilidade. A empresa hoje sabe o que não quer para o futuro. Hoje somos vistos como um exemplo de empresa com responsabilidade social e ambiental colocada em prática”, diz Hoelzel.



Transformação nos processos de fabricação de borracha da Mercur teve início em 2006

A Mercur é uma das principais indústrias no município que concentra o maior VAB Industrial entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS.

Após completar 75 anos de muita tradição na produção de brinquedos em madeira, o Grupo Xalingo, também de Santa Cruz do Sul, aposta no reflorestamento para manter o sucesso do clássico “Brincando de Engenheiro”, que monta cidades, fazendinhas e pistas de carros com bloquinhos de madeira.

No ano passado, a empresa comemorou a marca de 10 milhões de unidades vendidas do seu principal brinquedo e investiu em novos maquinários na sua planta industrial no Vale do Rio Pardo.

Além da produção em Santa Cruz do Sul, que hoje inclui brinquedos educacionais, soluções agrícolas, sob a marca Agriplax, e matrizes industriais, na Inomax, a empresa mantém um centro de distribuição em Barra Velha, Santa Catarina, e uma planta fabril em Itupeva, São Paulo.

No Vale do Taquari, a Girando Sol, que emprega 450 pessoas em Arroio do Meio, é um exemplo de como a inovação pode também ser impulsionada pela demanda do consumidor.

“Estamos atentos a este novo jeito de consumir, no qual se destaca o cuidado para com a casa, mas também com a saúde, o que nos leva a investir mais em hipoalergênicos, produtos testados dermatologicamente, reduzindo germes e bactérias”, observa o diretor da empresa, Gilmar Borscheid.

A empresa fechou 2022 com crescimento de 54% no faturamento, e o objetivo neste ano é garantir 20% de aumento na receita. Com um mix de mais de 170 produtos, os bons resultados foram puxados principalmente pelos itens lava-roupas em pó, amaciante concentrado, desinfetante e água sanitária, a Girando Sol investe entre 2022 e 2023, R\$ 35 milhões no aumento da produção e a consolidação no mercado nacional.

A empresa de Arroio do Meio completa 32 anos em 2023. A Mercur chegará ao centenário no próximo ano. A longevidade é uma característica da região, e o diferencial, que as faz perdurar, é justamente a abertura para a inovação. Se, no caso da Girando Sol, a mudança tem vindo do perfil do consumidor, da Mercur, a partir das mudanças no chão de fábrica, em outros casos, a academia tem sido uma parceria de muito sucesso.



Linha de produção com robótica da Girando Sol, de Arroio do Meio

SOFIA SCHUCK/ESPECIAL/JC

AGÊNCIA DARDE/DIVULGAÇÃO/JC

O hambúrguer “verde” depois de 130 anos no mercado

A Excelsior Alimentos, de Santa Cruz do Sul, completa 130 anos em 2023. A partir do Food Lab do Parque Científico e Tecnológico da Unisc (TecnoUnisc), foi desenvolvido o primeiro hambúrguer 100% vegetal na linha de produtos da empresa, lançado neste ano. O produto, que envolveu profissionais de áreas como Nutrição, Química, Engenharia de Alimentos, Engenharia Química, Gastronomia, Administração e Marketing, foi o primeiro de uma série planted based (baseados em plantas) que o tradicional frigorífico pretende colocar no mercado em breve.

“O retorno para a marca está muito bom. Reforça nossa presença mais próxima de um público jovem, com cultura de consumo que está em transformação. O momento, para uma empresa tradicional como a nossa, é de

inovar para sermos fortes”, diz o CEO da Excelsior, Luiz Motta.

O setor industrial de alimentos rendeu a Santa Cruz do Sul R\$ 32,5 milhões em arrecadação de ICMS no ano passado. E rendeu também o fortalecimento dessa estrutura na universidade do município.

“Hoje a Excelsior tem um Food Lab dentro do TecnoUnisc e em contato direto com a produção, em sua fábrica. Temos neste espaço equipamentos que permitem a testagem e pesquisa de maneira mais acessível do que se estivesse na linha de produção. O exemplo desta empresa é um entre muitos que temos reforçado em Santa Cruz do Sul e em toda a região”, conta o diretor de Inovação e Empreendedorismo da Unisc, Rafael Kirst.

Segundo Kirst, a aposta no capital humano e no



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Motta, da Excelsior, fala em inovar

conhecimento que se produz dentro da universidade é a melhor forma de praticar a inovação na produção. No caso da Excelsior, que começou a sua trajetória em 1893 como uma marca de refino de banha de porco e hoje emprega 600 pessoas em uma moderna planta industrial em Santa Cruz do Sul, o desenvolvimento da pesquisa abriu um novo nicho em crescimento no mercado da alimentação.

Alternativas na geração de empregos para além do tabaco

Mesmo com forte produção metalúrgica – com destaque para a MOR – de borracha e de alimentos, a dependência em relação ao setor fumageiro tem instigado o poder público de Santa Cruz do Sul a desenvolver alternativas. É o caso do programa Desenvolve Santa Cruz, iniciado em 2021.

“Atrairmos empresas que hoje geram mais de 25 mil empregos diretos no município. Na segunda fase do programa, com a doação onerosa de lotes no nosso segundo distrito industrial, a previsão é que sejam gerados 162 empregos diretos e outros 50 indiretos, além de um faturamento de R\$ 148 milhões nos próximos quatro anos. São 10 empresas

de pequeno e médio porte que estão sendo incentivadas”, diz o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Márcio Martins.

Além de incentivos e desburocratização, há o fortalecimento de parcerias com o Senai e Senac para qualificação de mão de obra. “Aqui na região, quando tratamos de inovação, estamos falando em ações que se aplicam, de fato, para a produtividade e o bem da sociedade. O Sistema S está muito presente nos vales do Rio Pardo e do Taquari, com investimentos na educação. Isso resultará sempre em maior competitividade”, aponta o vice-presidente regional da Fiergs, Flavio Haas.

NÓS OLHAMOS PARA O FUTURO E O QUE VEMOS É SUSTENTABILIDADE

A cadeia produtiva do tabaco é uma grande geradora de empregos nos municípios onde está presente, tanto no campo como nas cidades.

Desempenha um papel fundamental na geração de renda e na melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas, contribuindo fortemente para o desenvolvimento da região e de todo o Rio Grande do Sul.

Temos orgulho de representar nossas empresas associadas, multiplicando suas boas práticas e fortalecendo a indústria do tabaco no Brasil, reconhecida internacionalmente por sua qualidade e sustentabilidade.



Turismo

Tesouro histórico é impulso para economia da Quarta Colônia

Geoparque abrange Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Você já ouviu falar do *Buriolestes*? Ou do *Siriusgnathus niemeyerorum*? E o que dizer do *Agudotherium gassenae*? Parece estranho, mas soam muito familiares aos moradores da região da Quarta Colônia, no Centro do Estado. São três fósseis de espécies inéditas de dinossauros encontradas nessas localidades nos últimos anos. Em comum, além da proximidade geográfica, estes tesouros foram batizados com os nomes das famílias locais que ajudaram a encontrá-los, muitas vezes, nos terrenos das suas propriedades.

O primeiro, em homenagem à família Buriol, de São João do Polêsine. O segundo, aos Niemayer, de Agudo, e o terceiro, à Valserina Buelgon Gassen, quatro vezes prefeita de São João do Polêsine.

Nos últimos anos, 35 fósseis de diversas espécies foram encontrados, e batizados, entre os nove municípios – Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins – do recentemente certificado pela Unesco, Geoparque da Quarta Colônia.

Uma faixa de 250 quilômetros que continua sendo palco de grandes descobertas, como a que encontrou o *Staurikosaurus pricei*, o primeiro dinossauro brasileiro e um dos mais antigos dinossauros do mundo. E

ainda é a casa dos Buriol, dos Niemayer e de tantos outros.

A maneira simpática de reconhecer, com os nomes das espécies, a população local, foi a forma encontrada pelos cientistas que atuam na cidade de desmistificar o trabalho que faziam ali, e que agora será amplificado para todos.

“Acabou aquele medo de perder a propriedade, ou não poder mexer na propriedade onde foi encontrado um fóssil. Temos feito um trabalho de sensibilização da comunidade, que é fundamental para que o geoparque tenha sucesso e todos se beneficiem disso. Hoje, você visita algumas dessas famílias na zona rural, e ali na parede, junto com as fotos da família, está o artigo científico da descoberta que ele ajudou a fazer”, conta a diretora do geoparque, Janice Sell.

A Quarta Colônia é considerada por paleontólogos uma área chave no Brasil para o estudo do período Triássico, com fósseis que remontam a 250 milhões de anos atrás. É uma das cinco áreas reconhecidas internacionalmente no País pelo seu valor geológico, paleontológico e cultural.

O projeto que resultou no geoparque é resultado de um esforço conjunto entre o Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica (Cappa), da UFSM, e do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (Condesus Quarta Colônia).

Dados não oficiais apontam que, somente no ano passado, sem qualquer reconhecimento internacional, a região recebeu em torno de 30 mil turistas. Com Santa Maria como uma espécie de referência e porta de entrada para a infraestrutura turística na



Visitação no Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia é uma atração turística

Quarta Colônia, o que se espera é um avanço na região.

“A certificação coloca a Quarta Colônia definitivamente no cenário internacional. Torna a região um atrativo acadêmico, claro, mas principalmente turístico. Atrai um tipo de visitante diferenciado, que vem para cá com a certeza de que há conservação do patrimônio natural e histórico da região. E a consequência é um benefício social a ser compartilhado por todos nesta região”, avalia Janice Sell.

E isso representa uma oportunidade para investimentos.

De acordo com a diretora do geoparque, uma série de ações têm sido levadas à prática entre os nove municípios para que empreendedores locais invistam na qualificação de restaurantes, cafés, transportes e pousadas. E há a gastronomia naturalmente atraente da região marcada pela colonização italiana, além de cinco comunidades quilombolas dentro do território reconhecido pela Unesco.

A certificação dará aos municípios ainda um novo fôlego para investir em infraestrutura. Serve como um documento

facilitador de crédito, por exemplo, para obras em estradas ou acessos a atrações turísticas locais. “É um processo coletivo, com participação de todos, da universidade, da comunidade e do poder público”, resume a diretora.

O Geoparque da Quarta Colônia forma, com Caçapava do Sul e com os Caminhos dos Cânions do Sul, três geoparques certificados no Estado. E há ainda dois projetos na região em análise: o Geoparque Raízes de Pedra, no Vale do Jaguari, e o Geoparque Vale do Rio Pardo.



Região recebeu em torno de 30 mil turistas no ano passado; certificação dá chancela internacional

Barragem no município de Pinhal Grande também é atração

Em uma das pontas do Geoparque há uma enorme barragem com um potencial turístico que começa a ser descoberto no município de Pinhal Grande. Uma descoberta que ganhou impulso justamente pelo encantamento dos avaliadores enviados pela Unesco para a região, em novembro do ano passado.

“Já estávamos quase desistindo do plano, pelo excesso de burocracia. Mas o impacto foi tão incrível naqueles profissionais, todos viajados, ao perceberem que estavam diante de formações rochosas com imenso valor geológico à medida que o passeio de barco avançava, que levamos adiante a ideia”, explica o empresário Ubirajara Falcão.

Ele é o responsável pelo passeio de barco chamado Caminhos Náuticos, pelo Cânion da Usina de Itaúba. Trata-se da exploração ecológica, em uma embarcação, a partir da região alagada às margens do Rio Jacuí, que forma a usina hidrelétrica de Itaúba, entre Pinhal Grande e Estrela Velha. Entre o final de dezembro, quando iniciaram os passeios, até o final de março, foram 315 turistas, somente nos finais de semana.

“É a demonstração do potencial que temos aqui, ainda mais valorizado pelo geoparque. Todas essas pessoas que vieram no verão, chegaram ao local por conta própria. É uma região a 10 quilômetros da zona urbana de Estrela Velha e a 20 do centro de Pinhal Grande, sem infraestrutura para receber



Potencial do Rio Jacuí passa a ser mais explorado turisticamente, com passeio de barco em uma ponta do Geoparque da Quarta Colônia

turistas. Aos poucos, avançaremos”, anuncia o empresário.

Foram dois anos desde a apresentação da proposta para uso da região alagada da usina, com as dificuldades

burocráticas para que a CEEE, até então responsável pela barragem, concedesse o licenciamento. Processo que acabou reforçado, e de certa forma destravado, com a parceria da

UFSM, que incluiu esta experiência ao projeto do Geoparque da Quarta Colônia.

De acordo com o Ministério do Turismo, o geoturismo é hoje um dos setores turísticos que mais avançam no Brasil, e que acaba estimulando atividades de turismo ambiental, com valor cultural e social diferenciados.

“Conversamos com uma moradora próxima da barragem, e que tinha um pequeno bar, para que ela fizesse almoço e recebesse os turistas para almoçarem dentro da sua casa. Ela aceitou o desafio e está crescendo. São oportunidades que estamos criando em uma

comunidade que tinha na sua maioria famílias plantadoras de fumo, e que, em grande parte, já abandonaram o campo”, conta Falcão.

O próximo passo do projeto, que pretende retomar as viagens de barco em setembro, é a criação, com apoio do governo municipal, de um centro receptivo para turistas nas instalações onde antes funcionava um centro comunitário daquela localidade, e que está abandonado. A ideia é que o espaço tenha banheiros com chuveiros e infraestrutura para receber uma meta de 200 turistas por mês.

A importância do Geoparque

- Fazem parte do Geoparque da Quarta Colônia, em uma faixa de 250 quilômetros no Centro do Estado, Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins
- A região foi local de descoberta de 35 fósseis de diversas espécies, em especial do período Triássico
- No ano passado, pelo menos 30 mil pessoas visitaram a região com finalidades turísticas

Energia na água do centro do Rio Grande do Sul

O projeto é defendido com entusiasmo pelo prefeito de Pinhal Grande, Lucas Michelin. Ele afirma que há ideia de investimentos em infraestrutura para a estrada que leva à usina e para a implantação de um restaurante, além da reforma do salão que servirá como ponto de referência aos turistas.

“Toda a estrutura do município, desde a sua emancipação, foi pensada e executada a partir da Usina de Itaúba, que garante uma importante fatia na arrecadação do município, mas não podemos ficar dependentes

de uma receita cada vez mais inconstante. Além do turismo, temos fomentado muito o setor primário, oferecendo melhores condições para que as famílias continuem produzindo”, explica Michelin.

É que os números da economia de Pinhal Grande impressionam. O município de apenas 3,8 mil habitantes, com mais da metade na zona rural e com uma perda de 15% da sua população desde 2010, tem o quarto maior PIB da Região Central, com R\$ 784,8 milhões, e o sexto maior VAB

Industrial entre todas as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, com R\$ 640,7 milhões.

Pinhal Grande produz energia e esta produção rendeu R\$ 1,3 milhão em arrecadação ao município em 2022, ou 85% de todas as arrecadações industriais de Pinhal Grande.

A usina hidrelétrica de Itaúba, inaugurada em 1978, é a terceira de maior potencial no Rio Grande do Sul, com 500,4 megawatts de potência, e a principal na região Central do Estado. O reservatório ocupa quase 13

mil hectares. A região concentra um dos principais eixos na geração da energia hidrelétrica no Rio Grande do Sul.

Somente no Rio Jacuí, há outras duas usinas: UHE Dona Francisca, com 125 mW de potência, e UHE Jacuí, em Salto do Jacuí, com 180 mW. Ao todo, entre as regiões dos vales do Taquari, Rio Pardo, Jaguari, Alto Jacuí, Central e Centro Jacuí, são 14 usinas instaladas, somando 875,17 mW de potência, que significam 17% do total de 5,12 mil mW instalados em hidrelétricas em todo o Estado.

A energia que vem da água

- As regiões Central, Centro Jacuí, Alto Jacuí, Vales do Rio Pardo, Taquari e Jaguari contam com 14 usinas hidrelétricas ativas, com potência total de 875,17 mW (17,04% do potencial instalado em hidrelétricas no Rio Grande do Sul)
- Rio Jacuí (3 usinas em Donas Francisca, Salto do Jacuí e Pinhal Grande)
- Rio Ivaí (3 em Júlio de Castilhos)
- Rio Jaguari (1 em Jaguari)
- Rio Pinheirinho (1 em Ibirubá)
- Rio Soturno (1 em Nova Palma)
- Rio da Glória (1 em Não-Me-Toque)
- Rio Carreiro (1 em Dois Lajeados)
- Arroio Boa Vista (1 em Estrela)
- Rio Ijuizinho (1 em Boa Vista do Cadeado)
- Rio Colorado (1 em Tapera)



Obras na rodovia RSC-287, concedida para o grupo espanhol Sacyr; projeção é que 130 quilômetros da estrada sejam duplicados até 2026, com investimentos de R\$ 1,5 bilhão

Infraestrutura

Rodovias em duplicação, ferrovias e hidrovias são necessidades

Desafios logísticos são também oportunidades, caso de investimentos em duas rodovias

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

É de Lajeado, por exemplo, a Docile, empresa líder nacional em exportações de doces. No entanto, em 2022, 90% das suas exportações deixaram o País a partir de Santa Catarina, ao invés do Porto de Rio Grande, com destino, principalmente, aos Estados Unidos. Uma dificuldade que também é compartilhada com os grandes produtores de soja da região.

“Temos um terminal da ferrovia em Tupanciretã, mas, além do custo não representar vantagem real em relação ao transporte rodoviário, uma viagem com carregamento de grãos até o Porto de Rio Grande, ida e volta, leva oito dias, enquanto por caminhão, demora três dias”, aponta o presidente da cooperativa Agropan, de Tupanciretã, Juarez Bay do Nascimento.

Hoje, a produção do grão é escoada, em mais de 80% da sua quantidade, por estradas, pouco menos de 20% por ferrovias defasadas e uma quantidade mínima por hidrovias.

“Qualquer novo negócio sempre avalia a logística como um dos primeiros pontos para pesar o seu investimento. Quando o empresário percebe que o local que lhe interessa tem uma rodovia mais rápida e segura, isso representa menos custos e um diferencial, sem dúvida, na hora de definir pelo investimento. Onde há duplicação de rodovia e investimento na sua operação, de fato, toda a região se beneficia”, diz a diretora de investimentos da CCR ViaSul, Thaís Caroline Borges. De acordo com a executiva, “rodovias sem operação de manutenção e melhorias representam prejuízo de até R\$ 3 bilhões por safra”.

A empresa concessionária da BR-386, a chamada Estrada da Produção, que parte do Norte do Estado, cruzando os vales, em direção à Região Metropolitana, faz um dos principais investimentos atuais em melhorias

de rodovias no Rio Grande do Sul. Está prestes a concluir a duplicação do primeiro trecho da rodovia, entre Marques de Souza e Lajeado, no Vale do Taquari, e em breve executará projeto avaliado em mais de R\$ 1 bilhão para duplicar 111 quilômetros da rodovia federal.

Outro importante investimento em andamento está na RSC-287, que liga Santa Maria a Tabaí, sob gestão do Grupo Sacyr. Até 2026, a chamada Rota de Santa Maria deve receber R\$ 1,5 bilhão em investimentos para a duplicação de 130 quilômetros.

“Muitas vezes o custo do frete e as condições de mobilidade inviabilizam negócios. Esta região do Estado é importantíssima e uma das mais privilegiadas em termos de capilaridade logística, mas é preciso eficiência. Qualquer estado que quer se desenvolver precisa ter atenção especial para melhorias em outros modais, como a hidrovia e a ferrovia”, diz o vice-presidente de Infraestrutura da Federasul, Antônio Carlos Bacchieri.

Constatação corroborada pelo vice-presidente regional da Fiergs, Flavio Haas. Segundo ele, mesmo sendo um dos polos industriais mais significativos do Estado, a região ressurte-se de alternativas logísticas. “É um obstáculo que gera entre 7% e 10% de perdas para a indústria e outros setores que hoje dependem quase exclusivamente de rodovias. Precisamos de outros modais com a eficiência que o mercado exige”, aponta.

Está em Cruz Alta, por exemplo, um importante entroncamento rodoferroviário do Estado,

dentro da Malha Sul de ferrovias. Nestas regiões, há ainda pontos importantes em Santa Maria e Lajeado, mas são ineficientes. E aí está a oportunidade para o futuro, como detecta Bacchieri.

Sob concessão desde 1997, a Malha Sul reduziu à metade o volume de trilhos ativos – atualmente, são 1,6 mil quilômetros no Estado –, e com capacidade competitiva bastante reduzida, uma vez que a velocidade dos vagões não passa de 21 km/h. A consequência se vê na quantidade de carga transportada. Em 2011, eram 14 milhões de toneladas. Dez anos depois, somente 3 milhões de toneladas.

A concessão operada pela Rumos S/A vence em 2027. A Federasul organiza estudos para propor ao Estado novos modelos de concessão e melhor operação da malha ferroviária.

“Estamos falando de uma região que é cortada pelos rios Jacuí e Taquari. Botar a mercadoria em barcas que garantissem o transporte competitivo até o Porto de Rio Grande, com navegação interna pelo Estado, seria algo que, tenho certeza, um estrangeiro que olhasse para o mapa desta região, faria. É um projeto que precisa ser viabilizado”, reflete Bacchieri.

A operacionalidade de uma hidrovia nestes trechos depende, por exemplo, de investimentos em eclusas, que garantam o tráfego os barcos em pontos de desnível e comportas. Neste ano, o Dnit anunciou estudos para retomada de quatro destas estruturas – três no Rio Jacuí e uma no Rio Taquari –, com investimentos previstos de R\$ 200

milhões. No Rio Taquari, já há os portos de Estrela e Rio Pardo, que são apontados como importantes possibilidades para escoar a produção de fumo desde Santa Cruz do Sul, no entanto, como apontam os empresários, os portos ainda carecem de competitividade e infraestrutura.

Entre as medidas em estudos por entidades empresariais está alguma proposta que reduza o ICMS dos combustíveis para o transporte hidroviário, além da revisão de taxas portuárias. Algo semelhante ao que funcionou na aviação regional e tem, em Santa Maria, onde o terminal é administrado pelo município, um caso de sucesso. O aeroporto funciona ao lado da base aérea, e com acesso direto à RSC-287. O município investe para que o terminal tenha capacidade para cinco voos semanais para São Paulo, além de voos diários a Porto Alegre e Florianópolis. A região tem ainda um aeroporto em Santa Cruz do Sul, administrado pela prefeitura, com três voos semanais a Porto Alegre.

Os desafios logísticos

- Duas rodovias concedidas com investimentos em duplicação (BR-386, RSC-287)
- Ferrovia com ramais ativos e três pontos de carga importantes: Cruz Alta, Santa Maria e Lajeado, porém, com operação pouco competitiva
- Hidrovia com potencial de utilização entre os rios Jacuí e Taquari. São previstos investimentos federais em quatro eclusas da região

Turismo

Cristo Protetor é atração em Encantado

Monumento atrai milhares de turistas para o Vale do Taquari

No final do mês de julho deste ano, o monumento do Cristo Protetor de Encantado, no Vale do Taquari, celebrou a marca de 200 mil visitantes. É um público grande, considerando que a abertura aos turistas ocorreu em maio de 2021.

Com a sua imponência, a estátua de Jesus Cristo já se tornou atração turística da região, atraindo visitantes de diversos estados brasileiros e de cerca de 50 países do mundo.

A estátua fica 436 metros

acima no nível do mar, destacando-se na paisagem. O Cristo Protetor de Encantado é anunciado como a maior estátua cristã do mundo, referência que impulsiona o turismo religioso.

Agora, um pedaço do Cristo Protetor de Encantado será levado ao Vaticano para receber a bênção do Papa Francisco. A peça será entregue por um grupo formado por integrantes da Associação Amigos de Cristo Protetor e membros da Igreja Católica. A viagem para a Itália ocorre hoje, dia 21 de agosto, e a audiência com o sumo pontífice está marcada para o dia 30 de agosto.

O fragmento da mão direita,



Estátua com 43,5 metros de altura, construída há poucos anos, leva milhares de pessoas à região

pesando cerca de 5kg e medindo aproximadamente 40 cm, seria leiloado e os recursos utilizados para a construção do monumento. Como a arrecadação de recursos com a comunidade foi o suficiente para concluir a estátua, o fragmento abençoado circulará pelas dioceses no Estado.

Dados do monumento

- Altura total: 43,5 metros
- Pedestal: 6 metros
- Altura da estátua: 37,5 metros
- Envergadura: 39 metros
- Altitude em relação ao nível do mar: 436 metros
- Peso total: 1.712 toneladas
- Altura em relação à cidade: 359 metros
- Escultor: Markus Moura
- Visitação guiada: sábados, domingos e feriados, das 9h às 17h
- Agendamentos: (51) 98175.0985

Sindilojas RS 60 ANOS
Vale do Rio Pardo
Sindicato do Sistema Comércio

Sindilojas VRP

Há mais de 60 anos nosso principal objetivo é promover o desenvolvimento econômico, impulsionar a geração de empregos e criar novas oportunidades de renda.

Localizado em Santa Cruz do Sul, o Sindilojas Vale do Rio Pardo atua em oito municípios da micro-região, sendo referência para o varejo em Vera Cruz, Venâncio Aires, Mato Leitão, Vale do Sol, Sinimbu, Herveiras, Gramado Xavier e Santa Cruz do Sul.

Oferecemos soluções para mais de 4.000 empresas, responsáveis por uma cadeia produtiva que emprega mais de 5.000 trabalhadores na região. Nossa atuação baseia-se nos pilares do desenvolvimento, economia e conhecimento.

Sindilojas Vale do Rio Pardo,
há 60 anos parceiro do comércio regional.

Rede de Entidades Parceiras: BoaVista SPC, CNC, Federações, Sindicatos, Sesc, Senac

Sistema Comércio

Pesquisa

Cidade universitária com melhor capital humano do RS

Santa Maria reúne oito universidades e faculdades, e tem 40 mil estudantes de Ensino Superior

A cidade que, geograficamente, ocupa o coração do Rio Grande do Sul, pulsa conhecimento. E pode ser considerada uma reserva de mão de obra qualificada para todo o Estado. Santa Maria, com oito universidades e faculdades, soma uma população de 40 mil estudantes no universo de 271,6 mil habitantes. Conforme o Índice Cidades Empreendedoras (ICE), Santa Maria é a terceira melhor cidade do Brasil no quesito capital humano. E a segunda melhor, no Rio Grande do Sul, em ambiente propício para empreender.

“Temos a infraestrutura e a logística naturalmente diferenciados, com muita capilaridade para todos os pontos do Estado, e este é um atrativo para investimentos. Mas, sem dúvida, o capital humano é o nosso maior valor. Desenvolvemos um programa chamado Cidade

Empreendedora, em conjunto com o Sebrae, que, desde a rede de ensino, estimula o empreendedorismo”, explica a secretária municipal de Desenvolvimento Econômico, Ticiania Engel Fontana.

Com o perfil, que inclui ainda o segundo maior contingente militar do País, o município tem ainda em torno de 9,5 mil homens e mulheres das Forças Armadas e suas famílias entre 22 organizações instaladas em Santa Maria.

Para atender a esta demanda, naturalmente Santa Maria tornou-se uma referência no comércio e serviço da Região Central do Estado. Concentra-se no município o maior VAB de Serviços da região, de R\$ 6,7 bilhões.

“É uma vocação da cidade, que precisa ser qualificada e valorizada. Temos feito um trabalho intenso, por exemplo, na atração de redes hoteleiras interessadas em investir na cidade. O ambiente para bons negócios tem sido criado nestes últimos anos, justamente para a iniciativa privada ter este olhar favorável para Santa

Maria”, diz a secretária.

Mas, se o setor de serviços, como a educação, hotelaria e o setor público destacam-se como oportunidades latentes, o governo municipal tem destinado energias para ampliar e modernizar a industrialização da cidade. De acordo com a secretária, a indústria responde por apenas 12% do PIB local.

E mesmo tendo a maior população e o segundo maior PIB entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, Santa Maria tem somente o quarto maior VAB industrial da região, de R\$ 1 bilhão.

Recentemente, a prefeitura iniciou movimento de doações onerosas de áreas no distrito industrial, além de uma política de facilitação de crédito e microcrédito. “Em 2016, registrávamos faturamento inferior a R\$ 10 milhões na indústria. Hoje, são R\$ 110 milhões. Nosso projeto é termos em Santa Maria o ambiente ideal para empreender na indústria com inovação, e a partir daí, internacionalizamos nossas indústrias”, aponta Ticiania.

E já há bons resultados neste movimento. São 43 indústrias instaladas no distrito, com outras duas em vias de se instalarem, significando quase 100% de ocupação, com a geração de 2 mil empregos. O município tem capitaneado ainda movimentos como a integração da força produtiva local à Mercopar e a atração de uma unidade do Instituto Caldeira – o primeiro no Interior – para Santa Maria.

Os números de exportação, no entanto, ainda engatinham. As vendas internacionais da indústria local, conforme o Ministério do Comércio Exterior, neste ano, não passaram de R\$ 20 milhões, ou 2,5% dos R\$ 800 milhões exportados pelo município, a maior parte produtos rurais como arroz e soja.

Por isso, Santa Maria ingressou na Rede de Cidades do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). “É uma parceria que vai nos qualificar na elaboração de projetos e também facilitará este treinamento e qualificação para que empresas locais se tornem exportadoras. São oportunidades que estão se abrindo”, aponta a secretária.

Nada melhor que estas portas sejam abertas em todos os modais. A duplicação da RSC-287 é considerada vital para o desenvolvimento futuro de Santa Maria, e o município investe nos últimos ajustes para que

o aeroporto local esteja apto a receber aeronaves maiores destinadas aos voos diretamente a São Paulo.

A arrecadação dos setores de inovação e turismo aumentou 26,65% e 17,66%, respectivamente, entre 2021 e 2022. Se em 2021, sob efeitos da pandemia, a arrecadação de empresas de inovação foi de R\$ 93,1 milhões, em 2022, com o fim de restrições, a receita passou a R\$ 118 milhões. O turismo, no mesmo panorama, deu um salto de R\$ 80,6 milhões para R\$ 94,9 milhões. Tais aumentos também alimentaram os cofres públicos com o Imposto Sobre Serviços (ISS), trazendo R\$ 2.367.030,36, na inovação, e R\$ 3.405.858,77, no turismo. Santa Maria é o 5º maior destino de excursões no RS.

Referência em serviços

- Santa Maria tem quase 20% da sua população formada por universitários ou militares
- O município tem 8 universidades e faculdades e 22 instalações das Forças Armadas
- É a 3ª melhor cidade do Brasil em qualidade de capital humano
- É a 2ª melhor cidade em ambiente para negócios no Rio Grande do Sul
- É o 5º principal destino de excursões turísticas no Rio Grande do Sul

JOÃO VILNEI/PREFEITURA DE SANTA MARIA/DIVULGAÇÃO/JC



Além de ter boa parte da população formada por universitários, principal município da Região Central do Estado também abriga segundo maior contingente de militares no País

Inovação

UFSM/DIVULGAÇÃO/JC



Parque InovaTec, da Universidade Federal de Santa Maria, gerou R\$ 24 milhões em faturamento no ano passado, com a geração de 200 empregos em pequenas empresas

Polos tecnológicos são protagonistas na indústria

Municípios de Santa Maria, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Cruz Alta e Santiago sediam centros de inovação

O ambiente para a inovação em Santa Maria é pulsante. No município em que 40 mil moradores fazem parte da comunidade acadêmica, há três parques tecnológicos destinados à pesquisa e inovação, além do espaço do Distrito Criativo Centro-Gare, inaugurado em 2022 para revitalizar o centro histórico e promover a interação entre os ambientes de criação locais.

Somente entre os parques da UFSM (InovaTec) e da Universidade Franciscana (UFN-ITEC), são 80 startups. No caso da universidade federal, este ambiente gerou R\$ 24 milhões em faturamento no ano passado, com a geração de 200 empregos.

Para além da universidade, empresários locais idealizaram o Santa Maria Tecnoparque. “É um espaço onde pequenas empresas com grande potencial de mercado têm contato direto com a indústria de Santa Maria

e da região. O perfil não é o de startups, mas de prestadores de serviços como o desenvolvimento de tecnologias de softwares diretamente aplicados na produção industrial”, explica a gestora Ariane Jardim.

O tecnoparque completa 10 anos e conta com 38 empresas e instituições vinculadas. A maior parte das operações têm relação com softwares para a indústria, logística e soluções para o agronegócio. Além de um programa de formação de jovens, especialmente na área de robótica, que atende a até 200 adolescentes por semestre.

Santa Maria é um dos eixos de inovação, que tem pelo menos outros quatro municípios como territórios efervescentes para o desenvolvimento de novas ideias ao mercado.

É o caso do TecnoVates, dentro da Univates, em Lajeado. Um espaço, como explica a gerente administrativa Cristiani Reimers, que atende desde a incubação de novas empresas e projetos até empresas consolidadas no mercado e que buscam inovar, com laboratórios e testagem de produtos desenvolvidos no município.

O TecnoVates é um dos

alicerces, por exemplo, do Arranjo Produtivo Local das Bebidas e Alimentos. Foram os acadêmicos ligados ao parque tecnológico que desenvolveram uma pesquisa sobre ácaros, fundamental na recente implantação da produção de chocolates pela Florestal Alimentos.

“A nossa parceria com o APL ganhou maior força no ano passado. Temos um papel de suporte para desenvolver inovações, principalmente para pequenas indústrias do setor. O resultado é o aumento da competitividade do setor como um todo”, diz Cristiani.

Atualmente o TecnoVates abriga 80 startups e oito empresas. “A universidade mantém um diálogo constante com o setor industrial da cidade e do Vale do Taquari como um todo. É uma forma de garantirmos que a academia seja uma parceira na busca de soluções”, explica a gerente.

Resultado desta aproximação foram as criações de duas plantas-piloto que simulam uma cervejaria e uma indústria de produtos lácteos. É ali que o setor faz seus testes antes de levar novos produtos às linhas

de produção na indústria.

Uma situação semelhante ao que desenvolve o TecnoUnisc, em Santa Cruz do Sul. “Há 18 anos desenvolvemos uma incubadora de base tecnológica, principalmente para o fomento de novos negócios, em paralelo com o parque tecnológico, que segue uma lógica de pesquisa e desenvolvimento para empresas já consolidadas na região”, define o diretor de Inovação da Unisc, Rafael Kirst.

O exemplo do desenvolvimento do hambúrguer vegetal, em parceria com a Excelsior, é só um entre 25 empresas com projetos rodando no campus, além de 28 startups. Ao todo, estima Kirst, são 130 pessoas trabalhando diretamente no parque ou em projetos vinculados.

A maior parte das empresas

parceiras são do Vale do Rio Pardo mas, com o perfil da indústria local, Rafael Kirst não exagera ao considerar este um espaço de alcance mundial.

“Nossa meta é chegarmos a 100 empresas associadas ao TecnoUnisc. Já temos um parque importante, mas gostamos muito quando o que é desenvolvido aqui resulta em sucesso na produção das empresas. Este é o nosso grande objetivo”, aponta Kirst.

A rede de inovação nessas regiões se completa com a Agência Start, vinculada à Universidade de Cruz Alta, no Alto Jacuí, e com o Polo de Modernização Tecnológica do Vale do Jaguari, da URI, em Santiago. Ambos com projetos de desenvolvimento regional, tendo o agronegócio como principal tema.

A rede de inovação

- Santa Maria: InovaTec (UFSM), ITEC (UFN), Santa Maria Tecnoparque
- Cruz Alta: Agência Start (Unicruz)
- Santiago: Polo de

- Modernização Tecnológica do Vale do Jaguari (URI)
- Santa Cruz do Sul: TecnoUnisc (Unisc)
- Lajeado: TecnoVates (Univates)

Crédito

Inovação e infraestrutura são apostas para o futuro

BRDE fomenta indústria de alimentos, agronegócio e os setores de inovação e tecnologia nas regiões Central e dos Vales

Produção industrial e no campo com olhos direcionados para os processos inovadores. Esta é a aposta do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), como afirma o vice-presidente do banco, Ranolfo Vieira Júnior.

“A aposta futura para fomento do banco não foge das vocações do Rio Grande do Sul para o campo, a industrialização de alimentos e a indústria também envolvida com o agronegócio. Em todos estes setores, inovação e tecnologia são vitais para garantir competitividade futura, e temos percebido que o setor entre os Vales e o Centro do Estado está muito consciente disso e buscando as soluções”, explica Ranolfo.

Em julho, por exemplo, o BRDE ampliou em R\$ 1 bilhão a possibilidade de operar fomentos pela Finep. Um recurso normalmente associado a instituições como universidades, nesta região está longe de ficar limitado a este universo. “Temos visto muitas empresas, inclusive de médio e até pequeno porte, buscando informações e recursos para modernizar seus processos”, garante o executivo do BRDE.

São 107 municípios retratados nesta edição do Mapa Econômico, no miolo do Rio Grande do Sul, onde vivem, conforme o Censo 2022, 1,5 milhão de pessoas, ou 14,26% da população. Em 2020, que é o último ano com dados consolidados por municípios, as regiões Central, Alto Jacuí, Jacuí Centro e Vales do Rio Pardo, Taquari e Jaguarí respondem por 11,2% do PIB do Rio Grande do Sul naquele ano, somando R\$ 52,7 bilhões.

Para essas regiões, o BRDE destinou, nos últimos 10 anos, R\$ 2,3 bilhões em recursos para projetos. O montante é equivalente a 23,2% do total de R\$ 9,9 bilhões desembolsados no período em todo o Estado. As regiões também foram destino de uma importante fatia dos recursos identificados por municípios no levantamento do Anuário de Investimentos, do JC, em 2022.

Foram R\$ 2,5 bilhões identificados. A maior parte, R\$ 2,1 bilhões, para o setor industrial. Lajeado, com seis projetos, e Santa Cruz do Sul, com cinco, foram os maiores beneficiados. Não à toa, entre os dois municípios que são centros de referência para os vales do Taquari e Rio Pardo estão entre os três maiores PIBs das regiões e registraram, entre 2010 e 2022, conforme o Censo, aumento populacional muito superior ao restante das regiões. Foram mais de 36 mil novos habitantes entre os dois municípios – 12,5% a mais em Santa Cruz do Sul e 22,8% em Lajeado –, enquanto entre todas as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, o crescimento populacional foi um pouco mais discreto, de 1,7%.

Com a economia aquecida, o volume de empreendedores dispostos a investir aumenta. As regiões tiveram aprovados 60 projetos para benefícios do Fundopem, resultando em R\$ 832,05 milhões, entre 2019 e 2023. Representam 18,6% dos 322 projetos aprovados no Rio Grande do Sul.

No balanço de investimentos garantidos pelo BRDE nos últimos 10 anos, 65% dos recursos foram destinados à cadeia do agro. Do campo até unidades de processamento e maquinário agrícola. Neste aspecto, estão nessas regiões alguns dos itens mais competitivos da agricultura gaúcha, como o fumo, a soja e a erva-mate. De acordo com



Vice-presidente do BRDE, Ranolfo observa que aposta do banco está em linha com vocações do Estado



Santa Cruz do Sul recebeu fatia relevante de investimentos anunciados ou realizados em 2022 no RS

a Secretaria Estadual do Planejamento, quatro municípios do Alto Jacuí – Não-Me-Toque, Ibirubá, Lagoa dos Três Cantos e Colorado –, onde a agricultura de precisão e a maior eficiência do plantio da soja são encontrados, têm os melhores índices de desenvolvimento socioeconômico do Estado.

O próximo passo no fomento, aponta Ranolfo Vieira Júnior, que também é diretor de Operações do BRDE, é garantir melhorias na infraestrutura da maior parte dos municípios destas regiões. Este é um item considerado fundamental para a atração de investimentos e oportunidades.

“Recentemente o BRDE atuou na estruturação das PPPs dos sistemas de

iluminação pública de Santa Maria e Santa Cruz do Sul. Queremos ampliar esta possibilidade de parceria para outros municípios e outros serviços de infraestrutura”, diz.

Para dar maior eficiência a

este objetivo, Ranolfo destaca a recente nomeação de Leonardo Busato, ex-secretário estadual de PPPs e ex-titular da Fazenda. Busatto assumiu o cargo de diretor de Planejamento do BRDE.

Incentivos

■ Nos últimos 10 anos, o BRDE destinou R\$ 2,3 bilhões para as regiões Central, Alto Jacuí, Jacuí Centro e Vales do Jaguarí, Taquari e Rio Pardo. O montante representa 23,2% dos R\$ 9,9 bilhões aportados pelo banco no Estado neste período.

■ Entre 2019 e 2022, o Fundopem aprovou 60 projetos para investimentos entre os 107 municípios dessas regiões. Eles resultaram em R\$ 832,05 milhões em investimentos.

■ No Anuário de Investimentos do JC em 2022, foram localizados R\$ 2,5 bilhões em aportes nas regiões. Lajeado e Santa Cruz do Sul concentram a maior parte deles.

Painel

Evento Mapa Econômico reuniu lideranças em Santa Cruz do Sul

Discussão ocorreu no dia 3 de agosto, com análise de oportunidades e desafios

Bárbara Lima

barbaral@jcrs.com.br

O segundo evento regional do projeto Mapa Econômico do RS, promovido pelo Jornal do Comércio, lotou o auditório da Associação de Entidades Empresariais de Santa Cruz do Sul no dia 3 de agosto.

Os painelistas Iro Schünke, presidente do Sinditabaco; Eneo Karkuchinski, CEO do grupo Imec; e Flavio Haas, vice-presidente regional da Fiergs, discutiram oportunidades e desafios para o desenvolvimento das regiões Central e Vales. O debate foi

mediado pelo editor-chefe do JC, Guilherme Kolling.

Indústria, agronegócio, varejo e serviços estiveram em pauta. A infraestrutura foi apontada como uma das questões importantes a serem melhoradas, a fim de dar mais competitividade para os negócios. Nesse aspecto, a duplicação RSC-287, entre Tabaí e Santa Maria, é vista como uma melhoria que impulsionará o desenvolvimento quando estiver pronta.

Outro ponto citado foi a tributação – os painelistas convergiram na importância de simplificar os tributos e não aumentar a carga após a reforma tributária.

A importância da educação também foi citada de forma consensual entre as lideranças



Painel Mapa Econômico lotou auditório da Associação das Entidades Empresariais de Santa Cruz do Sul

que estiveram no debate. Karkuchinski ressaltou a formação de capital humano como fundamental para o varejo. “Precisamos de pessoas qualificadas, precisamos desenvolver pessoas”, refletiu o CEO do grupo Imec.

O vice-presidente da Fiergs concordou. “O tema do momento é a educação”, afirmou Haas. Para o presidente do Sinditabaco, o maior desafio está na educação básica. “Precisamos melhorar

também o Ensino Médio e dar uma educação básica para todo mundo”, ponderou.

O vice-prefeito de Santa Cruz do Sul, Elstor Desbessell, também presente no painel, considerou que “quando recebemos um evento dessa magnitude, sobe a nossa régua. Nos sentimos muito lisonjeados de trazer esse debate para Santa Cruz do Sul. Com isso, a cidade consegue buscar espaço para falar da nossa cultura”, afirmou.

Na abertura, o diretor de Operações do JC, Giovanni Jarros Tumelero, ressaltou a importância do Mapa Econômico do RS, que “faz um elo entre a Capital e o Interior, promovendo o desenvolvimento”, discursou. Editor-chefe do JC, Guilherme Kolling destacou a importância de ouvir as lideranças da região sobre a economia local.

O próximo evento do Mapa Econômico acontece no dia 13 de setembro, em Passo Fundo.

Agro ajuda comércio

Presidente do Sinditabaco, Iro Schünke (foto ao lado), avaliou o setor do tabaco em Santa Cruz do Sul e região. “A produção rende, em média, R\$ 2,5 bilhões aos produtores, receita que circula no comércio. Isso gera emprego e renda”, ponderou. Também destacou a geração de 25 mil empregos e o destaque do tabaco na exportação, que representa 10% do total das vendas gaúchas ao exterior. “Precisamos divulgar os números positivos, porque muitas notícias são negativas em relação ao produto final, mas temos que lembrar da importância social do setor.”



TÂNIA MEINERZ/JC



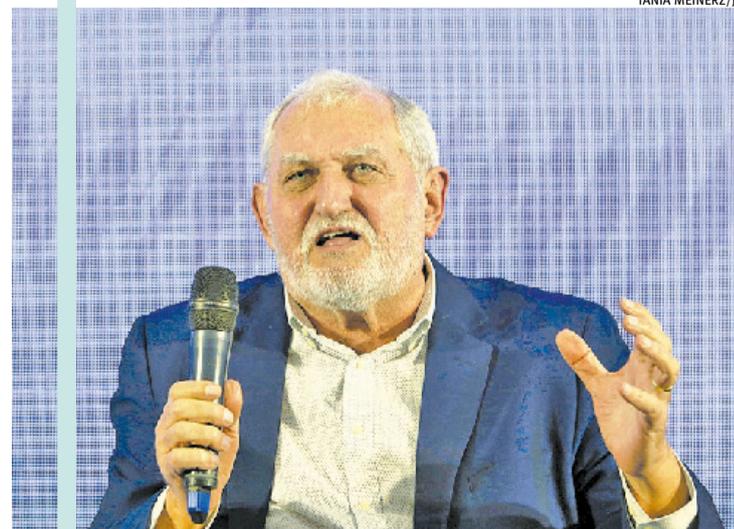
Talentos para o varejo

O CEO do grupo Imec, Eneo Karkuchinski, falou sobre a importância do atendimento personalizado ao cliente e do desenvolvimento dos talentos para o varejo. No caso específico do Imec, para continuar expandindo – já tem mais de 3,2 mil colaboradores e 28 unidades, incluindo as do atacarejo Desco –, a empresa aposta no relacionamento. “Somos do Interior e temos consciência de que é importante valorizar as pessoas. E isso demanda qualificação e treinamento. Somente com educação pensada para qualificação conseguiremos, por exemplo, manter nossos filhos no Interior, fortalecendo a economia da região.”

Indústria ajuda economia

O vice-presidente regional da Fiergs, Flavio Haas (foto abaixo), apresentou os principais desafios da indústria no âmbito regional e enfatizou a importância de estimulá-la, pois “onde a indústria é forte, a economia é forte”. Para Haas, a região precisa procurar alternativas para o desenvolvimento e não ficar atrelada apenas a um segmento, diversificando a economia. “Temos que buscar fomentar outras áreas, como agronegócio, turismo e logística. O tema do desenvolvimento econômico é permanente, e nós temos dificuldades em nos unir para buscar, junto ao poder público, formas de reposição de eventuais perdas.”

TÂNIA MEINERZ/JC



No Mapa
Econômico e Social
do RS, o caminho
é a **Indústria.**

 **São
50 mil**

fábricas em atividade
no Rio Grande do Sul

 **São
800 mil**

peças empregadas
diretamente

 **O futuro passa
pela Indústria**



ONDE TEM GENTE, TEM INDÚSTRIA.

FIERGS

 fiergs.org.br